

Reverendo José Roberto Cristofani

# Meditações no Primeiro Testamento



**Editora  
Alecrim**

Reverendo José Roberto Cristofani

# **Meditações no Primeiro Testamento**

 Editora  
Alecrim

# **Meditações no Primeiro Testamento**

*Reverendo José Roberto Cristofani*

*O Rev. José Roberto Cristofani é pastor presbiteriano há mais de 20 anos. É PhD em Sagrada Escritura e amante da poesia bíblica*

Registrado na Biblioteca Nacional.

Todos os direitos reservados ao autor

ISBN 978-85-65031-01-1

**Edição, diagramação e projeto gráfico:**

Editora Alecrim

[www.editoraalecrim.com.br](http://www.editoraalecrim.com.br)

São Paulo, inverno de 2011

 **Editora  
Alecrim**

# Índice

O Senhor é o meu Pastor e o meu Hospedeiro.....	5
O salmista está enfermo.....	11
Mostra-nos como chegar à Terceira Idade saudáveis .....	17
Sob os teus cuidados, Senhor!.....	23
Vidas Secas no Vale da Esperança .....	29
A história de nossa marca! .....	37
O Deus que Surpreende.....	45
Liderança sem Compaixão: Davi e Urias .....	55
O P3 da Arca da Aliança.....	65
De um mesmo e só Espírito! .....	71



# O Senhor é o meu Pastor e o meu Hospedeiro

## Salmo 23

O Salmo 23 é um destes salmos bem conhecidos. Acho que o mais conhecido de todos. Não apenas muito conhecido, mas sabido de cor. De coração. De memória. Declamado muitas vezes e em inúmeras ocasiões.

O Salmo 23 é o salmo preferido de muitos de nós. Talvez, por causa da figura do pastor. Por comparar Deus a um pastor.

### O Senhor é o meu pastor

De fato, a figura do pastor de ovelhas é bastante clara no salmo. A metáfora pastoril utilizada no salmo é bem conhecida. A imagem evoca um pastor cuidadoso. A expressão “Nada me faltará” é um resumo. Ela resume todo o salmo. Essa expressão revela confiança. E este é o gênero do Salmo 23: um “Salmo de Confiança”. Todo o texto é uma expressão de confiança.

O Senhor é o pastor cuidadoso. Isso nos mostra sua ação proativa em nosso favor. “Ele me faz repousar” (v.2a); “Leva-me” (v.2b); “Refrigera-me” (v.3a) e “Guia-me” (v.3b). Todos os quatro verbos têm como

sujeito o Senhor. O meu pastor. Todas as quatro expressões mostram um Deus interessado. Um Deus presente. Um Deus que se importa com seu rebanho.

A sequência das palavras no texto é importante. “Me faz repousar em pastos verdejantes”. Ao ler esta frase, seria natural pensar em alimentos, pois “pastos verdejantes”, sugere um bom alimento. Uma boa comida. Contudo, o salmo fala em “repousar”. Isto é, descansar. Uma ovelha só repousa depois de saciada. E a relva verdejante é o lugar apropriado para o repouso. A ovelha do Salmo 23 é uma ovelha bem alimentada. Ela é levada para descansar.

A mesma ideia confortadora de descanso aparece outra vez no salmo. Em perfeito paralelismo temos as palavras “Leva-me para junto das águas de descanso”. É um paralelismo que realça a mesma imagem. O pastor conduz seu rebanho para as águas tranquilas. Não exatamente para dessedentar a sede de suas ovelhas. Porém, para que elas encontrem descanso, repouso.

Na sequência temos “Refrigera-me a alma”. O texto faz uma clara ligação com as “águas de descanso”. Esta ligação amplia e aprofunda o sentido de repousar e descansar. Acrescenta “refrigério” ao descanso.

Quanto cuidado expressa este salmo! O cuidado do Senhor sobre os seus. Cuidado demonstrado também no “Guia-me pelas veredas”. Aqui, ainda, é o Senhor que age. É ele quem conduz. É ele quem vai à frente. Por isso são “veredas de justiça”. Veredas de vida abundante. Veredas de descanso. Por tanto amor, por tanto cuidado, o Senhor se fez assim: um Deus cuidador de mim.

## Ainda que eu ande

A metáfora do pastor atinge seu ponto mais alto aqui: quando a ação passa do pastor para a ovelha. “Ainda que eu ande”, mostra uma ovelha agindo. Ao agir, ao andar por conta própria, a ovelha pode ir para o “vale da sombra da morte”. Sem o guia seguro, ela pode trilhar caminhos ameaçadores. Vagar por trilhas inseguras. Caminhar por veredas do mal.

Todavia, há uma declaração de absoluta confiança: “Não temerei mal algum”. Tal confiança se funda em uma certeza: “pois tu estás comigo”. O pastor é companhia constante: “me faz repousar”, “me leva ao descanso”, “refrigera-me”, “guia-me”. E faz mais: “consola” pela ação pastoral (bordão e cajado). É como o dizer do Salmo 139.10 “Ainda lá me haverá de guiar a tua mão e a tua destra me susterá.”

## Preparas-me uma mesa

Neste ponto, o salmo 23 muda a metáfora. Até o final do verso 4 era a figura do pastor. Agora, a partir do verso 5, é a figura do “hospedeiro” que ocupa o restante do salmo.

A hospitalidade na Bíblia é muito importante. É importante tanto para o hóspede, quanto para o hospedeiro. Para o hóspede o acolhimento é importante, pois lhe dá abrigo, alimento e proteção. Para o hospedeiro, acolher é importante, pois tem a oportunidade de oferecer abrigo, alimento, e proteção.

A hospitalidade ocupa lugar de destaque entre o povo de Deus. Sua importância se baseia na própria palavra do Senhor: *“lembra-te de que foste forasteiro na terra do Egito”*.



O hospedeiro acolhe o peregrino e prepara uma mesa para ele. Unge-lhe a cabeça com óleo. Oferece-lhe abundância que faz seu cálice transbordar. Ao receber um forasteiro em sua hospedaria, o dono oferece abrigo com banho quente. Oferece alimentos e bebidas. E oferece também, proteção contra os inimigos. “Na presença dos meus adversários”, significa proteção contra eles. A hospitalidade bíblica tem essa exigência: se alguém está em sua tenda, você é responsável pela vida do seu hóspede.

Assim, o Senhor é apresentado como o hospedeiro que acolhe seu povo peregrino. Sua hospedaria é “sua casa”. Seu serviço é o acolhimento. Seu diferencial: bondade e misericórdia.

O salmista pode exclamar com total confiança: “habitarei na casa/hospedaria do Senhor por um tempo indefinido”. Pois está certo da bondade do Senhor. Confia na misericórdia do Senhor.

## **O Senhor meu Pastor e Hospedeiro**

O Salmo 23 une duas metáforas: a do pastor e a do hospedeiro. Ao juntar as duas figuras, o salmo revela duas faces do Senhor. Uma face “Pastoral”, e uma face “Hospitaleira”.

Como pastor, o Senhor cuida do seu povo. Leva-o para repousar em verde relva. O conduz ao descanso e refrigério das águas tranquilas. Guia o seu povo por justas veredas. Mesmo no vale de ameaças, o pastor está em companhia do seu rebanho para cuidar em amor.

Como hospedeiro, o Senhor acolhe o seu povo. Põe a mesa. Prepara o banho. Dispõe o cálice. Providencia a proteção. E o Senhor o faz

com bondade e misericórdia. Transforma sua casa em uma hospedaria para cuidar de seu povo.

Duas metáforas, uma lição. Seja como pastor ou como hospedeiro, a lição é uma só: podemos confiar sem reservas no Senhor. E exclaimar: “Nada me faltará”.



# O salmista está enfermo

## Salmo 41

### Introdução

Tenho diante dos meus olhos o Salmo 41. Nele aplico o meu coração. A ele devoto minha atenção. Percorro seus versos com a alma atenta, como quem anseia encontrar luz para o dia a dia.

Este salmo é uma porta. Porta que se abre para um aposento. O Salmo 41 abre, para mim, o quarto de um doente. Entro devagar e em silêncio. Meu espírito paira sobre o ambiente da enfermidade. O salmo me introduz em um cômodo, no qual jaz uma pessoa doente.

Fico ali por uns instantes olhando aquela pessoa. Um misto de sentimentos brota em mim. Dó, piedade, insegurança, impotência. Este mix de sensações me empurra para fora do quarto. Duríssima visão ver alguém prostrado em seu leito! No momento em que ia sair, já posto à porta, por não suportar o drama, a mão do Senhor tocou o meu ombro. Tocou-me o Senhor e eu permaneci ali no quarto.

No silêncio solitário daquele lugar fiz coro com a quietude. O bom de permanecer em silêncio, é que se pode ouvir os próprios pensamentos. Sabe... tem gente dialogando dentro da gente. Basta parar para

ouvir. E em geral, essas conversas dentro de nós são muito instrutivas. Aprendemos muito com elas. Outra vantagem de se por quieto é que podemos escutar quem, sem palavras, está tentando nos dizer algo.

E é assim que me encontro com esta pessoa acamada do Salmo 41. Em silêncio. No silêncio. Com alguém em silêncio. É como uma breve pausa em uma sinfonia. Os instrumentos cessam por alguns segundos. Ouvimos os sons diminuírem até a quietude. Segundos de pausa. E logo os instrumentos retomam seus afazeres sonoros. E a sinfonia segue adiante.

Aqui neste quarto de enfermidade, a sinfonia da vida está suspensa. É como se a orquestra do corpo humano exigisse uma pausa eloquente. Fala a pausa silenciosa mais do que todas as palavras. E ponho não apenas meus ouvidos a escutar, ponho todo o meu ser a meditar.

Aos poucos começo a ouvir uma voz fraca, quase inaudível. Voz característica de quem está fragilizado. Redobro minha atenção. E as palavras vão se tornando frases. E as frases oração. É isso! Uma oração. O que posso ouvir agora, claramente, é uma oração. A súplica de uma pessoa enferma.

## **A Oração (vv. 4 – 10)**

*“Senhor tem compaixão de mim. Não qualquer compaixão, porém aquela que me possa sarar. Muito embora, Senhor, eu tenha pecado contra ti.”*

Escuto o salmista levantar-se em prece e me sinto tocado pela sua súplica. Quisera eu poder atendê-la. E antes que esse desejo de ser Deus tome seu lugar em meu coração, as palavras “*pequei contra ti*” interrompem

o ciclo. A justa percepção de sua condição, faz a pessoa reconhecer a íntima relação entre compaixão e perdão. Ao colocar sua súplica em termos de “*muito embora eu tenha pecado*” manifesta, já, a graça do Senhor. Ouço, portanto, um doente que de saída, se fia na compaixão do Senhor.

O meu companheiro de quarto vai destilando seus sentimentos. Quando paramos para ouvir de alguém como esta pessoa se sente em relação à sua situação, começamos a compreendê-la. A ela e a sua situação. Agora minha atenção está totalmente voltada para o salmista e sua oração.

Em tom de queixa, ele vai abrindo seu coração.

*Sabe Senhor, meus inimigos falam muito mal de mim. Na verdade eles querem que eu morra mesmo. Desejam que minha vida caia no esquecimento, como um livro velho que ninguém leu.*

*Eu sei disso, meu Deus, porque um e outro dentre eles já veio me ver. Com a desculpa de vir me fazer uma visita, vêm aqui para me dizer bobagens. Também né, o coração deles está cheio de maldade, não é mesmo? A boca não fala do que está cheio o coração? Então... é isso que falam quando vão embora.*

*Viu Senhor, eles me odeiam. E entre si ficam cochichando maldade. Eles imaginam o pior para mim. Chegam mesmo a dizer que uma coisa muito ruim foi despejada sobre mim. Chamam a isso de o “mal de Belial”. Coisa ruim mesmo. E por cima, ainda proferem a sentença: prostrado na cama ficará e não mais se levantará. É isso Senhor, o que me desejam os meus inimigos.*

Sabe meu Deus, os inimigos agirem assim eu posso até entender, pois são inimigos mesmo. Contudo e isso é o que mais me dói, o meu

melhor amigo me deu as costas. Nós vivíamos em paz. Eu confiava nele. Ele comia na minha mesa, mas levantou contra mim o seu calcanhar. Isso é demais para mim.

Ao ouvir essas queixas do salmista, vejo confirmada minha sensação. Aquela sensação de que, quem está no leito de enfermidade, está só. A solidão da pessoa acamada é uma condição dolorosa. Dolorosa fisicamente, pois precisa de cuidados médicos. Dolorosa emocionalmente, pois necessita do afeto das pessoas chegadas. Dolorosa mentalmente, pois requer desabafar as suas angústias. Dolorosa espiritualmente, pois demanda consolo e perdão do Senhor. A solidão do enfermo é tão mais dolorosa, tanto mais nos afastamos dele. Nós que somos seus chegados. Nós, amigos e parentes.

Eu já fiquei internado algumas vezes. Quando estive na Santa Casa de Misericórdia de São Paulo, estive só. Senti a solidão me fazer companhia. Naqueles dias no hospital só tinha um desejo: que a porta do quarto se abrisse e que fosse mamãe a me visitar. Mamãe ou alguém da minha família. Porém, um dia aconteceu o que eu mais temia. A porta do quarto se abriu muitas vezes e mamãe não veio. Nem ela nem ninguém. Aquele dia me senti muito, muito sozinho.

Por ser ainda criança, não compreendia que o Senhor estava por ali. Todavia, o salmista o sabe muito bem. Sabe e o diz:

*Apesar do abandono, Senhor, tu tens compaixão de mim e me levanta. E nisto vejo que me queres bem, pois o desejo dos meus inimigos de que eu morra não se concretiza. Quanto a mim, meu Deus, tu me ajudas, pois procuro viver na integridade. Assim, tu me pões em tua companhia permanentemente.*

Agora, depois de ouvir estas palavras silenciosas, me sinto confor-  
tado pelo enfermo que estou a observar neste quarto. Penso que já  
está na hora de deixá-lo repousar. Acho que já ouvi o que esta pessoa  
tinha a dizer. E lentamente me dirijo à porta, que ainda permanece  
aberta.

### **A placa na porta (vv. 1 – 3)**

Próximo a saída percebo uma placa na porta. Não havia notado  
esta placa. Aproximo-me e posso ler: “*Feliz daquele que cuida do neces-  
sitado*”. São letras grandes. Inclino-me e posso ver as letras menores:

*O Senhor o livra em tempos de adversidade, protegendo e  
preservando-lhe a vida. Não o deixa à mercê dos seus inimigos.  
O Senhor o assiste no leito de enfermidade e o restabelece quando  
cair de cama.*

Fico bastante surpreso com os dizeres da placa do quarto. Bem  
aventurado o que cuida do necessitado. Eu estava aqui, neste quarto,  
com o salmista enfermo. Achei que isto era suficiente. Pensava que  
apenas observar era suficiente.

Entretanto, aprendo agora, antes de deixar o aposento do salmis-  
ta, que é preciso cuidar. Quando alguém jaz enfermo, é necessário  
acompanhá-lo de cuidados. Pois grande recompensa há em fazer isso.  
Recompensa do próprio Deus. Do cuidado do Senhor. Da sua com-  
panhia. Do seu amparo, presença e restauração.

Saio do quarto deste enfermo entoando o mesmo louvor, a uma só  
voz com o salmista: *Bendito seja o Senhor* (v. 13).





# Mostra-nos como chegar à Terceira Idade saudáveis

## Salmo 90

Qualidade de vida é ter uma vida saudável. Uma vida saudável fisicamente. Uma vida saudável emocionalmente. Para um físico saudável, as academias. Para um emocional saudável, as terapias.

As recomendações de uma vida saudável vêm acompanhadas de promessas. Promessa de qualidade de vida. Não só para hoje, mas para o futuro. É hoje que decidimos nossa qualidade de vida na velhice. É hoje que decidimos se vamos ter uma velhice saudável ou não.

Eu acho essas recomendações de vida saudável ótimas. Elas nos ajudam a cuidar de nós mesmos. A planejar nossa velhice.

Eu, na verdade, tenho a sensação de que falta algo nessas recomendações. Uma estranha sensação de que falta alguma coisa. Parece que as recomendações de uma vida saudável estão incompletas. E por isso, elas não atingem o todo do meu ser.

Logo descubro algo óbvio. Descubro que a sensação de falta é real. Falta mesmo uma recomendação para uma vida plenamente saudável. Falta a recomendação de manter o espírito saudável.

Como leitor da Bíblia, descubro que manter o espírito saudável é importante. Importante e prioritário. Manter o espírito saudável, na realidade, é fundamental para manter-se saudável física e emocionalmente. Um espírito doente faz adoecer o corpo e a emoção.

## Canseira e Enfado

Uma palavra bem conhecida no Salmo 90 é esta:

*“Todos os dias de nossa vida podem chegar a 70, ou se se tem vigor, a 80 anos. Neste caso, o melhor deles é canseira e enfado.”*  
(verso 10)

Este versículo é entendido como uma sentença. Ou seja, todos nós que alcançarmos a Terceira Idade sofreremos, inevitavelmente, canseira e enfado.

Eu também pensava assim. Pensava que era inevitável canseira e enfado na velhice. Mas isso mudou, quando li os dois salmos seguintes. Li os Salmos 91 e 92. Neles me deparei com os seguintes versos:

*Saciá-lo-ei com longevidade e lhe mostrarei a minha salvação.*  
(Salmo 91.16)

e me pus a meditar: O Senhor nos saciará com longevidade (muitos anos) para canseira e enfado? Permitirá que vivamos muitos anos para contemplar sofrimentos? Essas perguntas ficaram em meu coração. Mas só até ler isto:

*Na velhice darão ainda frutos, serão cheios de seiva e de verdor, para anunciar que o Senhor é reto. (Salmo 92.14 e 15).*

Terceira Idade: “canseira e enfado” ou “seiva e verdor”? Descobri que “canseira e enfado” na velhice não é uma sentença. Não se trata de uma condenação. Pois o Salmo 90.14 mostra outra possibilidade de envelhecer. Envelhecer saudavelmente.

## **Pois somos consumidos**

De volta ao Salmo 90, comecei a questionar os motivos da “canseira e enfado”. Ao reler o texto, foi ficando claro que o sofrimento aos 70, 80 anos são consequências. São consequências de anos anteriores. São resultados de escolhas feitas em épocas anteriores. Uma leitura minuciosa me mostrou que “canseira e enfado” têm suas causas. E essas causas são apontadas no verso 8 do Salmo 90:

*Expuseste as nossas faltas diante da tua face e diante do teu rosto luminoso, nossas coisas ocultas.*

Os sofrimentos e dificuldades na velhice têm uma relação direta com as “faltas e coisas ocultas”. Faltas e coisas ocultas adoecem o espírito. Fazem separação entre nós e nosso Deus. E esta separação causa sofrimentos e lutas. Este distanciamento do Senhor é a causa da nossa infelicidade. A reaproximação do Senhor é reveladora. Revela nossas faltas. Revela também a brevidade da nossa vida “*Porque tudo passa rapidamente e nós, voamos*” (verso 10). Revela, finalmente, que os anos passados longe da face do Senhor são anos de pesar. Descobri que há uma relação de causa e efeito entre minhas escolhas hoje e minha qualidade de vida na velhice.

## Mostra os como contar

O gostoso de ler a Bíblia é que sempre encontramos nela palavras de salvação. Nela encontrei as seguintes palavras confortadoras:

*Mostra-nos como contar os nossos dias acertadamente a fim de que nosso coração alcance sabedoria.” (Salmo 90.12).*

Outra vez percebo que “canseira e enfado” não é um destino na velhice do qual ninguém pode escapar. Pelo contrário, isso é totalmente evitável. E todos podem evitar. Como fazê-lo?

É preciso ter disposição para aprender (Ensina-nos). O constante aprendizado junto ao Senhor e sua Palavra são benéficos. Aqui encontro um coração disposto a reconhecer que fez escolhas erradas (nossas faltas e coisas ocultas) e que deseja aprender a “contar os dias corretamente”. Contar os dias de maneira acertada, equivale a viver os dias de maneira justa, correta.

Essa disposição em aprender se manifesta nas palavras: Ensina-nos; volta-te; vacia-nos; e alegra-nos. Quatro expressões que mostram a disposição de alguém em aprender do Senhor. A súplica “Alegra-nos na mesma proporção de dias quanto nos tens afligido e na mesma quantidade de anos quantos suportamos calamidades.” (verso 15) mostra, sem sombra de dúvidas, que é possível recomeçar. Recomeçar e evitar a “canseira e enfado”.

## Para que cheguemos à Terceira Idade saudáveis

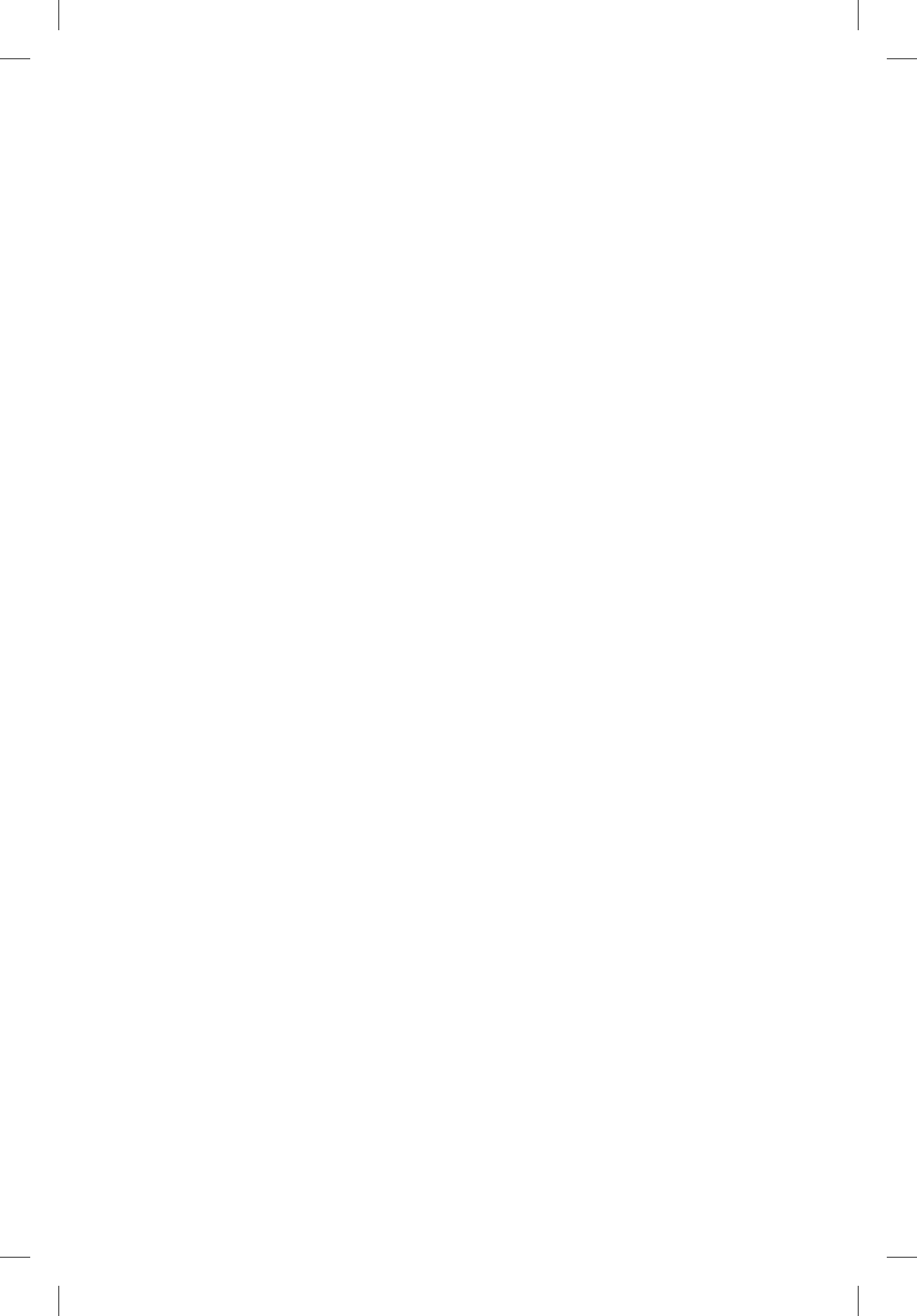
Fui descobrindo, passo a passo, que viver 70, 80 anos não significa, necessariamente, viver em “canseira e enfado”. Na verdade, dores e

sofrimentos na Terceira Idade, são resultados das escolhas feitas anteriormente. Escolhas que tem consequências tão duradouras que se manifestam na velhice. “Faltas e coisas ocultas” habitam o espírito. E causam o adoecimento do espírito que, por sua vez, causa dores e sofrimentos. E somente diante da face luminosa do Senhor estas “faltas e coisas ocultas” podem ser reveladas. Reveladas e perdoadas.

As escolhas que fizermos hoje determinarão, em grande parte, se teremos uma velhice saudável ou não. “Canseira e enfado” ou “seiva e verdor”.

Portanto, qualidade de vida que resulte em vida saudável inclui cuidados físicos e emocionais. Academias e terapias. Mas de nada valerá ter um corpo são e uma emoção sã, se o espírito estiver doente.

Coloque na sua agenda: Manter o espírito saudável.



# Sob os teus cuidados, Senhor!

## Salmo 139

Deus, nos dias de hoje, está colocado na periferia da existência humana. Ele está posto à margem da vida humana. Lá, onde a capacidade da pessoa não pode alcançar. Lá, onde os recursos humanos não podem auxiliar. Lá, onde residem as causas impossíveis. Onde doença, solidão e desespero se apresentam como obstáculos intransponíveis. Onde nada e ninguém são capazes de prover alguma solução ou dar algum alívio. É para essas bordas do viver cotidiano, que Deus foi empurrado. É para esses limites da vida que Deus foi relegado.

Quando a existência humana se encontra no limiar da catástrofe, ou quando mesmo já aconteceu, então Deus é invocado. Quando o poço escuro parece não ter fundo, daí se podem ouvir, então, os gritos de socorro pelo nome de Deus.

Deus, hoje, parece conviver diariamente, apenas, na companhia dos que transitam pelo vale da sombra e da morte. Parece que Deus é o último recurso, e como último, só é lembrado por último. Como dizem alguns, um “*deus ex machina*”, que funciona como uma máquina, acionada pelo controle remoto dos desesperados.



É certo que o Senhor se faz presente nas franjas da vida humana. O que não é certo, é que Ele se faça presente somente nessas situações extremas.

O Salmo 139 é um belo exemplo do lugar que ocupa o Senhor na existência humana: o centro. Exatamente o centro da vida.

Com variações entre a profundidade e a sublimidade, o poema vai destilando a presença do Senhor no centro da existência humana.

### **Presença diária do Senhor (vv. 1-6)**

“*Tu me examinaste e me conheces*”. O conhecimento de Deus, neste caso, se constitui num relacionamento com a pessoa. Não é um assentimento intelectual, como quem apenas está informado de algo. Não! O “*me conheces*” se revela na companhia do Senhor junto ao seu servo. É como dizemos, um conhecimento “de causa”, isto é, um saber estar junto, um convívio diário.

Este convívio se manifesta a cada momento. No momento em que assentamos ou levantamos (v.2). Já ainda distante, o Senhor conhece os nossos próprios pensamentos. Pensamentos que ainda não foram vertidos em palavras, mas de todas o Senhor já tem conhecimento. Ao trilhar as mesmas sendas conosco, o Senhor está atento a cada passo que damos ao longo do dia, até a hora de deitarmos. E estar “atento” é ter os olhos nos quadrantes do nosso viver diário. Neste convívio, o Senhor nos sitia. Na verdade, o Senhor já nos sitiou desde longa data. Cercou-nos por diante, por detrás, pelo lado e por cima. O Senhor ocupa todas as posições. Em uma palavra: está no centro. Ocupa o centro de nossas vidas colocando sua “*mão espalmada sobre nós*”.

Em cada gesto favorável do Senhor há sabedoria. Em toda sua generosa atenção há sabedoria. Sabedoria profunda e elevada. Sabedoria maravilhosa. Tão profunda que não podemos alcançar. Tão elevada que não podemos atingir.

Os cuidados do Senhor se mostram no conhecimento que Ele tem acerca de nós. Mostram-se no olhar atento que dispensa aos nossos passos. Mostram-se na mão espalmada sobre nós.

Quem pode alcançar tal sabedoria? Qual de nós pode atingir tal sabedoria?

## **Presença no centro espacial (vv. 7-12)**

Por isso perguntamos: Para onde poderíamos ir para nos ocultarmos do Espírito do Senhor? Para qual dos pontos cardeais seria possível fugirmos da face do Senhor?

Se imaginarmos tomar as asas da alvorada e subir aos mais altos céus, lá O encontramos. Se imaginarmos que podemos fazer nossa habitação no mais longínquo e profundo mar, lá também nos depararemos com o Senhor. Seja no alto e vasto céu ou no profundo e remoto oceano, nosso encontro com Deus nos mostra que suas mãos bondosas estão a nos guiar. E sua destra provedora a nos sustentar.

Poderíamos também imaginar outra situação: e se fossemos para o meio das trevas, para um lugar de escuridão, será que ali conseguiríamos nos ocultar do Senhor? Certamente que não. Pois a face reluzente do Senhor torna as trevas, luz e a noite, dia claro. A escuridão resplandece como sol. Não há trevas na presença do Senhor.

Por isso respondemos: Não há como se ausentar, em qualquer lugar que seja, da companhia do Senhor. Companhia que guia. Companhia que sustenta. Companhia de cuidados.

## **Presença no centro temporal (vv. 13-18)**

O Senhor ocupa o centro da vida humana. O centro espacial, e também o centro temporal. Nas expressões do verso 13: “*Formastes os meus rins*” e “*Mantiveste-me abrigado no ventre da minha mãe*”, encontramos a transição entre o centro espacial (vv. 7-12) e o centro temporal (vv. 14-18).

Há, a esta altura do Salmo, uma voz de gratidão ao Senhor, visto que Ele “*de forma assustadoramente maravilhosa formou o ser humano*”. Obra maravilhosa. E o sabemos muito bem. Por isso nossos lábios se juntam à voz do salmista para dar muitas graças.

Relembramos um tempo na presença do Senhor, do qual só tivemos conhecimento muito depois: o tempo da nossa gestação. O tempo no qual fomos entretecidos no profundo mar amniótico. Lá, onde estávamos ocultos dos olhos de quase todos, mas não dos olhos do Senhor. Quando em estágio embrionário, nossos ossos iam sendo formados. E dia a dia, sob o olhar atento de Deus, a massa informe ia sendo modelada. E células, e tecidos e órgãos, lentamente tomavam forma de corpo humano. Cuidadoso, o Senhor ia fazendo como que um diário, anotando, cada divisão celular. Ia registrando cada detalhe do nosso desenvolvimento.

Por isso exclamamos: *poxa vida!* Como são impenetráveis, Senhor, os teus pensamentos. A tua devoção em cuidar de nós desde embriões

é insondável. Enumerar teus feitos é impossível. Se houvesse uma maneira de fazê-lo, ao término, por mais que demorasse, ainda estaríamos sob os teus cuidados. É assim que Deus ocupa o centro da existência humana espaço e temporalmente.

### **Conclusão (vv. 23-24)**

Considerar que Deus está no centro da existência é testemunhar que o Senhor não pode ser empurrado para a margem da vida. É testificar que Deus participa, ativa e atentamente, da trajetória humana. É proclamar a boa nova, de que o Criador da humanidade, mantém seus olhos atentos para cuidar da sua criação.

Portanto, tendo em conta que o Senhor está no centro de nossa existência, continuamos a clamar: Examina-nos Senhor, pois tens um vasto e profundo conhecimento de nossas vidas. Senhor, tu conheces o nosso coração. Faça um teste e desvele os nossos pensamentos. Dê uma boa olhada em nós, pois é possível que haja algum caminho errado, penoso ou pernicioso. Se houver, guia-nos para o caminho reto. E se não houver, continue a nos guiar pelo caminho eterno, sob os Teus cuidados, Senhor!



# Vidas Secas no Vale da Esperança

## Ezequiel 37.1-14

Ossos não são ossos. Não no sentido literal. Não no “Vale dos Ossos Secos” de Ezequiel 37. Ossos, nesse vale, servem como metáfora. Referem-se muito mais às “vidas secas”, do que propriamente a ossos. Estão os ossos muito mais para Graciliano Ramos (Vidas Secas), do que para Jeffery Deaver (O Colecionador ou Coletor de Ossos). Em Jeffery os ossos são o que são. Em Ezequiel os ossos são uma metáfora que se aproxima de Graciliano.

Na obra de Graciliano Ramos, o título “Vidas Secas”, estabelece um contraste entre a possibilidade da abundância da “vida”, e a falta dela causada pela “seca”. Vida, que fenece castigada pela seca do sertão nordestino. Seca, que obriga vidas a um exílio involuntário. Vidas que secam pela falta de chuva. Falta de chuva, de alimento e de perspectiva e de esperança.

Para o profeta Ezequiel, tanto quanto para nós ouvintes do texto, a chave que abre o sentido da compreensão desse vale de ossos ressequidos é o anúncio do verso 11:

*Então ele me disse: “Filho do homem, estes ossos são toda a nação de Israel. Eles dizem: ‘Nossos ossos se secaram e nossa esperança desvaneceu-se; fomos cerceados ficando sozinhos.’*

Não se trata, portanto, de entender os ossos do texto de forma literal, antes, a palavra do versículo 11 indica que os ossos se referem a pessoas. A Israel especificamente. Mas também a qualquer grupo de seres humanos que lamenta sua sorte.

E qual é a situação que vive Israel? Exilado. Israel vive afastado de sua terra natal, exilado longe de casa. As palavras do versículo 11 dão a dimensão dessa situação. Sofrimento, solidão, desesperança. Sequidão de estio. Coração ressequido. Espírito abalado. Alma perturbada. Vida no abandono de uma terra distante. Olhos dispersos no desterro. Ossos secos. Vidas secas.

Ossos secos são, portanto, vidas secas. Vidas que dizem: *“estamos com os ossos secos, feneceu nossa esperança, fomos cortados ficando sozinhos.”* (v.11). Vidas secas, pois estão sem vigor. Vidas secas, pois estão sem esperança. Vidas secas, pois se sentem cortados e abandonados.

Aqui e acolá há outros ossos nas mesmas condições. Outras vidas secas. Vidas que sentem os ossos estremecerem. É o sofrimento que abala os ossos. O pecado também causa dano aos ossos. E ainda, os inimigos abalam os ossos. Para Israel, o exílio seca os ossos. Seca a vida. Seca tudo.

Esta ideia de que os ossos são metáfora para a vida é bem presente nas Escrituras. Como “sede das emoções”, os ossos figuram nos lábios de outro profeta. É Jeremias que sente um *“fogo ardente no coração, encerrado nos meus ossos.”* (Jeremias 20.9). Este servo do Senhor liga, em um único e só conjunto, os ossos e o coração. O paralelismo entre coração e ossos é evidente. Na pessoa de Jeremias arde no coração e se aloja nos ossos o que ele sente. Outra vez as palavras “coração” e “ossos”

são colocadas em relação sinonímica em Jeremias 23.9. O profeta diz: “O meu coração está quebrantado dentro de mim; Todos os meus ossos estremecem.” Jeremias sofre, na totalidade do seu ser, um sofrimento intenso. Mencionar que Jeremias também vivenciou a experiência do exílio, ajuda a compreender os sentimentos e as palavras do profeta.

Duas vidas. Dois profetas. Ezequiel e Jeremias compreendem os ossos como metáfora para a “sede das emoções”, como totalidade da vida humana.

Cantam os ossos, também, os salmistas. Entoam lamentos:

*... porque os meus ossos estão abalados. Também a minha alma (vida) está perturbada profundamente.*

É isto o que se lê no Salmo 6.2,3. Ossos e alma (vida) perturbados, assombrados. Pergunta então o salmista: “... mas tu Senhor, até quando?” O poeta deste salmo sente “nos ossos”, isto é, “na vida” a condição de sofrimento.

Ecos de súplica semelhante ressoam no Salmo 38.3:

*não há parte sã na minha carne por causa da tua indignação;  
não há saúde nos meus ossos por causa do meu pecado.*

Ossos e carne, isto é, a pessoa sente toda a dor lancinante de sua enfermidade.

Bem mais próximo de Ezequiel 37 está o Salmo 42. No verso 10 ouve-se uma voz a dizer:

*Esmigalham-se-me os ossos, quando os meus adversários me insultam dizendo: ‘O teu Deus, onde está?’*



Bem próximo de Ezequiel 37, o salmista experimenta a condição de exilado. Ele vivencia o aparente esquecimento de Deus: *“por que te olvidaste de mim?”* (v.9). Compartilha a mesma sorte do povo de Israel no cativeiro. Deste modo, compartilha da mesma linguagem do seu povo: *“meus ossos, minha vida”*.

Portanto, os “ossos secos” espalhados pelo vale, são as “vidas secas” dispersas no exílio. Vidas que foram ressequidas pela dor, pelo sofrimento, pelo abandono. Vidas para as quais pereceu a esperança. Vida sem esperança é vida seca.

No vale das vidas secas anda Adonai. Anda, e leva Ezequiel em sua companhia. O profeta circula ao redor como quem faz um reconhecimento da situação. Perambula entre imensidão de ossos sequíssimos.

O Senhor faz uma pergunta crucial ao profeta: *“Poderão reviver esses ossos?”* (v. 3). A resposta de Ezequiel? *“Tu és o único que sabe Adonai Senhor.”* Responde como quem diz: está na tua mão Senhor, a mesma mão que para cá me trouxe. Há uma disposição em Ezequiel. Disposição em ouvir o Senhor. Disposição para executar sua tarefa de profeta. Pois está no vale de ossos secos e sabe que sua presença ai não é por acaso.

Assim, o profeta do Senhor recebe sua primeira incumbência:

*“Profetiza a esses ossos, e dize-lhes: Ossos secos, ouvi a palavra do Senhor.”* (v. 4).

O imperativo divino requer que a palavra de Deus seja, antes de tudo, ouvida. Ouvir é acolher a palavra. E a palavra reverbera: *“Eis*

*que farei entrar o espírito em vós, e vivereis.*” Um viver pleno, completo. Ossos com tendões, carne, pele e fôlego: eis a palavra que deve ser ouvida (vv. 5, 6). A expressão: *“Porei em vós o espírito e vivereis”*, é repetida novamente. Esta frase inicia e termina a palavra de incumbência. Espírito é vida.

O profeta faz a entrega da palavra. Entrementes, há uma ruidosa “dança de ossos”. Os ossos dançam ao som da voz de Adonai. Cada osso tira seu par para bailar. Ajuntam-se os ossos, como que parafraseando Adão: *“este é osso dos meus ossos.”*

Onde havia ossos secos sem tutano, sem recheio, agora corre medula óssea. Onde havia ossos secos sem ligação, sem juntas, agora, coordenado, é um esqueleto. Onde havia ossos secos sem substância, sem carne, agora é um cadáver recheado. Onde ossos secos sem pele, sem cobertura, agora um corpo revestido. Mas sem espírito, sem fôlego, sem alento. Como um corpo estendido no chão, por enquanto.

Uma nova incumbência recebe Ezequiel. É hora de falar a palavra do Senhor ao espírito:

*Profetiza ao espírito – diz o Senhor Deus – Profetiza. Vem, ó espírito, e assopra sobre esses mortos, para que vivam.”* (v. 9).

Ainda falta o espírito. Não são mais ossos secos. Tem ligamentos, carne e pele. Não são mais ossos secos, mas também não são pessoas vivas. Falta-lhes o espírito. Falta-lhes o fôlego.

Ezequiel pronuncia a palavra do Senhor. E o hálito revificador entra no corpo. Penetra em cada célula e reanima o corpo inerte. Vivifica o corpo e o põe em pé. Um grupo numeroso, forte, sadio.

Neste ponto se dá a chave para compreender a metáfora dos “ossos secos”. Estes ossos são Israel. Israel que diz: “Nossos ossos secaram, pereceu nossa esperança e estamos cortados ficando sozinhos.”

Vidas secas. Ossos ligados por tendões, recheados com carne, revestidos com pele, animados pelo fôlego. Contudo, sem esperança. Com um sentimento de abandono. Falta vigor, disposição.

No auge do texto, Ezequiel recebe a terceira e última incumbência. Profetizar a palavra de esperança:

*Abrirei as vossas sepulturas, vos farei sair delas, ó povo meu, e vos trarei para a terra de Israel. (v.12).*

Esta palavra profética é repetida, quase que literalmente, nos versos 13 e 14. Há, porém, um acréscimo antes do final. O início do verso 14 interrompe a série: “abrirei, farei sair, trarei para a terra”. Antes de reafirmar que estabelecerá o povo na sua própria terra é dito que: “Porei em vós meu espírito e vivereis.” É a única vez no texto que se diz expressamente: “meu espírito”.

Até o momento só foi mencionado o “fôlego” da vida que faz reviver os mortos. O alento que dá vida a todos os seres humanos. Agora se diz: “meu espírito”. Há algo novo aqui. Há algo diferente. Algo que faz a esperança brotar para Israel. Algo que reanima o povo, agora chamado de “povo meu”. É o Espírito do Senhor! Vivificador. Capaz de abrir sepulturas. Levantar mortos. Conduzi-los de volta para a sua própria terra. A nota de esperança é: vou tirar vocês das suas sepulturas, fazer vocês saírem delas, vou colocar em vocês o meu espírito e trazê-los de volta pra casa.

Aos montes de Israel, já fora dito em Ezequiel 36: *“Montes e outeiros de Israel se preparem, pois o povo está voltando do exílio”*. E em Ezequiel 37.15-28, na sequência do texto do vale dos ossos secos, é dito que Israel e Judá formarão um único povo sob a regência de Davi, um descendente, por certo.

Essa marcha de retorno para a terra pátria tem seu início no despertamento dos ossos. Primeiro na transformação de um amontoado de ossos dispersos em um esqueleto articulado pelos tendões. Na sequência, pela cobertura desse esqueleto com carne sadia. Depois, no revestimento do corpo com pele. Segue-se a isso a infusão do fôlego de vida. O levantar da sepultura, o tirar da cova, o assoprar do Espírito do Senhor, culminando com a marcha de volta à terra.

Ossos secos são vidas secas, que mesmo em vida perderam a esperança. Vidas, que animadas apenas pelo fôlego humano natural, perderam de vista a possibilidade de uma vida abundante. Vidas que não vêem perspectivas, não encontram saídas. Vidas que se sentem abandonadas, cortadas, separadas de Deus.

Vidas secas, vidas sem esperança: Ouvi a palavra do Senhor. Ouvi e vivereis. Vidas secas, ouvi para que sejam restauradas, reanimadas, revigoradas. Ouvi, ó vidas secas, a palavra do Senhor, palavra de esperança, palavra de salvação.



# A história de nossa marca!

## Gênesis 4.1-16

Muito prazer: Meu nome é CAIM!

Peço licença para contar minha história. Na verdade, a história desta marca que trago em meu corpo. Peço alguns minutos da sua amável atenção.

Meu nome é Caim mesmo. Sou filho de Adão e Eva e tinha um irmão de nome Abel. Mas uma desgraça se abateu sobre nossa família.

Hoje, debaixo desta árvore, protegido pelo céu, contemplando o rebanho que pasta tranquilamente nesta campina, ainda continuo meditando nas lembranças que esta marca em minha mão, feito tatuagem, evoca. Lembranças da tragédia que mudou completamente nossas vidas.

Papai já havia saído do Éden e, junto com mamãe, se estabeleceram numa região na qual podia, não apenas criar seu rebanho, mas também cultivar seu pomar.

Mamãe contava, para mim e meu irmão, como nós nascemos. Você sabe, essa história de cegonha para crianças. Mamãe disse que durante minha gravidez recebeu auxílio de Javé. E eu nasci saudável.

Javé, se você não sabe, é o nome do nosso Deus, meu e de minha família.

Éramos uma família feliz. Felicidade que aumentou ainda mais quando Abel, meu irmão, nasceu.

Lembro bem que papai e mamãe passavam os dias cuidando de tudo. Papai cuidava do pomar e do rebanho. Mamãe, da casa e dos animais domésticos que tínhamos.

Quando meu irmão e eu ficamos maiorzinhos, também ajudávamos nos afazeres do lar. Papai me ensinava a cuidar das frutas e orientava meu irmão a cuidar dos carneirinhos. No final do dia mamãe nos esperava na varanda com um suco de frutas e um bolo de fubá e ali ficávamos ouvindo, de papai, as histórias sobre a criação e aquelas histórias que nos ligam uns aos outros.

Aprendemos muitas coisas de papai e mamãe. Eu e Abel, meu irmão, tivemos uma infância feliz. Corríamos atrás das ovelhas, subíamos em árvores, tomávamos banho num riacho próximo de casa, brincávamos com nossos gatos e com os brinquedos que papai fazia.

Lembro bem, como se fosse hoje, que meu irmão e eu estávamos catando abacate, quando Abel, que estava em cima da árvore, soltou uma fruta e ela caiu nas minhas costas, pois eu estava abaixado arrumando as que nós já tínhamos apanhado. Lembro que gritei com meu irmão e o xinguei. Mas você sabe, irmão é irmão, e saímos dali dando boas risadas do que tinha acontecido.

Passaram-se os anos, Abel e eu crescemos. Eu cuidava do pomar, meu irmão do rebanho.

Certo dia, trouxemos para o culto uma oferta cada um. Abel trouxe algo do rebanho. Eu trouxe algo do campo. Não sei qual o motivo, mas a oferta do meu irmão foi aceita e a minha não. Naquele dia aconteceu algo muito triste. Sem ter controle das minhas emoções, fiquei sobremodo irado com o acontecimento, a tal ponto foi minha ira que meu semblante se desfigurou. Eu podia sentir aquela chama, aquele fogo embraseando meu rosto. Saí daquele lugar arrasado. Mas, antes que saísse, ouvi uma voz no profundo do meu ser. Sabia que era o Senhor que estava dizendo:

*- Caim meu filho; por que estás tão irado? Por que teu rosto está tão desfigurado? Por que tanta amargura no coração? Não há motivo para tu estares assim Caim.*

E continuou:

*- Olha Caim, há dentro de ti duas forças, como se fossem dois cães: aquele que tu alimentares vai prevalecer. São duas opções: aquela que escolheres é a que determinará tua aceitação ou não, perante mim. Por isso refletas nisto: Se procederes pelo bem, tu serás aceito, todavia, se procederes pelo mal eis o pecado à porta do coração: Portanto, cabe a ti dominar os desejos que estão contra ti. E lembra-te sempre Caim: não é a religiosidade das ofertas que me agradam, mas sim, um coração sincero, um desejo puro.*

Aquelas palavras ainda ressoam forte dentro de mim. É como se o Senhor as estivesse falando hoje.



Descobri estarecido, naquele dia, que há algo de monstruoso dentro do ser humano, algo de demência que assombra todos nós. Você não se sente assim de vez em quando? Você às vezes não fica irado, nervoso ... querendo matar meia dúzia de políticos?

É ... isso é uma tragédia por si só!

Mas minha história não para por aí. Ela se agravou até à desgraça completa.

Deixa-me contar a parte mais triste.

Certa ocasião chamei meu irmão para irmos ao campo, e num ato de pura violência e loucura, deixei-me dominar pelo meu lado obscuro, pelo meu desejo do mal, e feri meu irmão de morte. Por um instante fiquei ali inerte, paralisado, olhando o corpo do meu irmão estendido ali no chão, o sangue escorrendo pela terra ...

Fugi, apavorado. No caminho, outro encontro com o Senhor, que me perguntou:

*- Caim, onde está teu irmão?*

Sabia que nada podia esconder de Javé, sabia que o Senhor nos acompanha aonde quer que nós formos. Porém, no auge do meu desespero, tentei um último ardil dizendo:

*- Não sei onde está meu irmão. Acaso sou cuidador do meu irmão?*

Em vão minhas palavras. A quem estava eu querendo enganar, senão a mim mesmo?

Conturbado, e a sós com Deus, ouvi-o dizer em tom de lamento:

- *Que fizeste Caim?! O sangue do teu irmão clama da terra por mim. A voz do teu irmão grita da terra regada com o sangue dele. A terra abriu a boca para receber a vida do teu irmão. Agora és maldito sobre essa terra, que não mais dará o sustendo quando a lavrares.*

E Deus continuou dizendo ao meu coração:

- *Serás andarilho sem rumo pela terra.*

Mesmo que eu tivesse tapado os ouvidos naquele momento, teria ouvido essas duras e assustadoras palavras, pois elas iam direto ao coração e, como cravos na madeira, penetravam meu ser e ficaram fixadas para sempre.

Vivi um verdadeiro inferno existencial, um sofrimento tão intenso, que não podia suportar ... então clamei ao Senhor:

- *Senhor, meu castigo é tão grande, que não posso suportá-lo; me lanças da tua face e tenho que me esconder da tua presença, andando fugitivo e errante...*

E completei a frase chorando amargurado:

- *... E quem me encontrar, certamente me matará.*

Disse isso, pois temia receber na mesma moeda, o castigo pelo meu pecado, por ter tirado a vida do meu irmão.

Foram dias de profundo sofrimento. O fato de ter tirado a vida do meu irmão tirava meu sono. Não conseguia dormir pensando no que fizera, pensando na dor de mamãe, pensando na tristeza de papai, pensando na destruição que causei na minha família.

Sim. Você não pode imaginar a dor, a tristeza, a angústia, o desespero, a solidão que enchiam meus dias.

Ainda sob o domínio do medo e do pânico, ouvi o que o Senhor Javé falou:

*- Caim: qualquer pessoa que tirar a tua vida será vingado sete vezes. Mas eu o Senhor Deus coloco em ti um sinal, uma marca bem visível para que qualquer pessoa que te encontrar não te fira de morte. Esta marca te protegerá pelo resto de tua vida e será uma lembrança de que sempre estarei ao teu lado para te proteger.*

Deus falou, e assim se fez. No dorso da minha mão direita surgiu esta marca, parecida com uma tatuagem, que me identifica como um protegido de Javé. Essa marca que você vê em minha mão é a lembrança de uma tragédia familiar, mas é, ao mesmo tempo, um sinal de proteção.

Eu sei que parece estranho dizer isso, pois você deve ter ouvido outra versão da minha história. Entretanto, você pode consultar o Livro Sagrado e comprovar o que estou dizendo.

Assim, quando você olhar para esta marca em minha mão, saiba que é um sinal com dois significados: um externo e outro interno. Um invisível e outro visível. A marca invisível é a lembrança do meu pecado. A marca visível é a lembrança da proteção que recebi do Senhor.

Pense nisso: se você não soubesse da história do meu pecado só veria a marca visível e saberia que Javé me protege, e não saberia o que fiz.

Portanto, você que ouviu a minha história tenha sempre na mente e no coração a certeza de que, apesar do nosso pecado, seja ele qual for nunca será tão grande que o Senhor não possa perdô-lo e isso por um motivo bastante simples: Jesus, o filho de Deus, nosso irmão mais velho, derramou seu sangue para nossa remissão, para nossa proteção.

Assim, você também carrega uma marca que lembra o seu pecado, mas que também lembra o perdão de Javé.

Essa é a história da nossa marca!



# O Deus que Surpreende

## 1 Reis 19.1-18

### Introdução

Vivemos em um período de manifestações espetaculares. Um período no qual todas as coisas tomam proporções que muitas vezes não têm. Fruto dos meios de comunicação, poder do marketing, que engrandece produtos, pessoas, acontecimentos e coisas.

E em meio a essas manifestações, parece que nada mais nos surpreende. Estamos tão acostumados a ver, e ouvir, grandes acontecimentos que do dia para a noite tomam as páginas dos jornais e a tela da televisão, que já não prestamos mais atenção no que realmente importa. Já não prestamos atenção às coisas pequenas, tidas como insignificantes.

Em vista disso, é importante meditar no Deus que Surpreende. No Deus que se manifesta de forma surpreendente. E é isto que vemos no texto de 1 Reis 19.1-18: uma página do ministério do profeta a Elias. Muitos de nós, desde a mais tenra idade, ouvimos grandes histórias deste que consideramos um herói da fé. Um herói bíblico.

O ciclo de Elias, isto é, a narrativa da trajetória do profeta Elias nos traz muitos aspectos de uma vida dedicada ao Senhor. De uma

vida de vitórias. Uma vida pautada nos princípios do Deus de Israel. Mas não menos que uma vida humana. Sim, uma vida nos limites da condição humana.

## **Elias em uma situação limite**

No texto, Elias está numa situação limite. Está, podemos dizer, em um beco sem saída. Elias, o profeta fiel à aliança do Senhor Deus, está conturbado. Ele se encontra em uma situação de extrema gravidade. Por um lado, está ameaçado de morte pelos profetas de Baal, como pode ser visto no capítulo anterior (1 Reis 18.20ss). Por outro lado, está jurado de morte pela então rainha Jezabel, mulher de Acabe, rei de Israel. Aos profetas de Baal, morte. Elias sai vitorioso. Mas contra o poder de Jezabel o profeta nada pode. Elias está à mercê deste poder. Está com sua vida ameaçada. Elias está com a sua vida por um triz. Está na corda bamba.

O texto apresenta o estado de ânimo de Elias, como desolador. Não quero e não tenho condições para fazer uma análise psicológica da situação. Todavia, as palavras da narrativa denotam um momento de desconsolo, um momento de descaracterização do ser humano. Elias está pedindo a morte (verso 4). Tragicamente, o profeta que sozinho, há pouco, havia zombado e derrotado os 400 profetas de Baal (1 Reis 18.20ss), agora pede a morte. Encontramos Elias em uma situação de tristeza, de amargura, de perseguição, de dor. Pedindo para si a morte, numa situação limite. Elias parece ter bem claro que a saída desse beco é a sua própria sepultura. E a saída não é pela esquerda ou pela direita ou pela frente, mas para baixo, para dentro de uma cova.

A única possibilidade que o profeta vê é a morte. E a única coisa que Elias pode pedir é a morte. Não pede livramento, nem ajuda, mas tão somente a morte. Sentou-se embaixo de um arbusto e pediu para si a morte.

Elias não é o único a ter essa experiência de pedir para si a morte. Jó teve a mesma experiência (Jó 3). Jeremias tem a mesma experiência (Jeremias 20). Em uma situação de extrema gravidade como a de Elias, situação de sofrimento como Jó, de perseguição como Jeremias, eles pediram para si a morte. É uma situação desesperadora. Mas é graças a Deus que Elias está nesta situação. Graças à palavra de Javé, graças ao seu ministério profético, graças a sua luta política, religiosa e civil que ele está nessa situação. Uma situação de desolação, uma situação limite.

Ele deita angustiado, e só faz dormir. Um anjo o acorda uma vez e o alimenta e ele volta a dormir. Uma situação de espera. Elias está em compasso de espera, pois orou e está esperando uma resposta de Deus. Porque é um homem acostumado orar. Um homem acostumado a pedir e ouvir uma resposta. A orar e acontecer. E ele está aguardando. E a resposta vem na direção contrária. – *Elias, levanta-te, e come! Fortifica-te, porque o caminho que tens pela frente é longo.* (verso 7). E Elias vai para o Horebe.

## **Elias no monte Horebe**

As montanhas no Antigo Testamento, e em todo o Antigo Oriente, eram consideradas a habitação dos deuses. O lugar onde se pode encontrar Deus. E o Senhor é o Deus que se manifesta não apenas nos



montes, mas fora deles também. E encontramos o Senhor nosso Deus no Sinai, no Horebe, no Sião, no Hermom.

Elias se dirige para o Horebe. É interessante, no texto, o fato de que Elias tendo que ir para o caminho de Damasco, se dirija para o Horebe. Porque existe uma fórmula bastante eficaz de se fugir de Deus, para se esconder: É se por em evidência. E Elias, fugindo de Deus e pedindo a morte, vai justamente para o monte em que o Senhor vai se manifestar.

E entra numa caverna. Passa a noite. E nesta caverna, escondido, com medo, Elias está apavorado com a possibilidade de ser humilhado e morto por Jezabel. É melhor morrer antes, do que se entregar com vida nas mãos dos inimigos. Porque derrotado o servo, seu senhor também o estará. Derrotado Elias, o Senhor também o será. E com medo, temor e tremor, Elias vai para dentro da caverna, no monte Horebe. Escondendo-se, e fugindo do seu ministério, do seu trabalho, da sua vida. E é nessa caverna que a palavra do Senhor lhe vem.

*– Que fazes aqui Elias? (verso 9). O que você está fazendo aqui Elias? O caminho é longo. O caminho é em direção a Damasco. É necessário coroar um rei. É necessário ungir um profeta. É necessário viver a vida cotidiana, voltar à vida pública, à política, ao ministério, à carreira proposta. E você dentro da caverna. Que fazes aqui Elias?*

E a resposta é uma confissão de fé:

*Senhor, eu tenho sido zeloso ... os filhos de Israel deixaram a aliança, derribaram os altares, e mataram os profetas, e eu fiquei só e procuram tirar a minha vida. (verso 10).*

Isso parece plenamente justificável. Qual de nós, humanos conscientes da nossa condição, do nosso limite, não se esconderia em uma caverna? Estrategicamente é a melhor coisa a fazer: esconder-se até que a tempestade passe. Até que a ameaça se dissipe. Até que tudo volte ao normal. Mas o texto vai mostrando, que a vida só voltará ao normal, com suas lutas e com suas dificuldades. A vida só voltará ao normal, se Elias puder caminhar novamente. Se puder cumprir a sua missão. Se puder ir adiante.

## Deus surpreende Elias

E começam as demonstrações às quais Elias estava acostumado.

*Dispõe-te e vai à porta da caverna, Elias. E o Senhor passará diante de ti. Eis que o Senhor passava e um grande e forte vento despedaçava as penhas diante dele. Porém o Senhor não estava no vento. Depois do vento, um terremoto, mas o Senhor não estava no terremoto. Depois do terremoto um fogo, mas o Senhor não estava no fogo. E depois do fogo um cicio tranquilo e suave. (versos 11-12).*

Vento, terremoto, fogo, são elementos da Teofania de Deus no Antigo Testamento. É assim que Deus se manifesta. Para Moisés – *tira as sandálias dos pés porque o lugar onde estás é santo*. E a sarça ardia e não se consumia. Trovão, tempestade, saraiva, fogo e granizo, faziam parte da maneira de Deus se manifestar. Elias estava acostumado com essas manifestações de poder. Um vento forte que fendia a pedra, abalava os montes. Era uma manifestação espetacular, como

fogo e fumaça. Se atualizados para os dias de hoje, seria com fogos de artifício, ribombar de trovões e banda marcial. Deus se manifestava ao seu povo, que estava acostumado a vê-lo poderosamente através do fogo, do terremoto, das grandes vagas, das grandes ondas. Um poder de manifestação só conhecido pelos que participaram dessa história.

Mas, surpreendentemente, o Senhor não está no vento. Surpreendentemente Deus não está no terremoto. Surpreendentemente o Senhor Deus não está no fogo.

Elias vai ouvir a voz de Deus numa brisa leve. O Senhor, surpreendentemente, passa numa brisa leve. Nem vento, nem terremoto, nem fogo, nem grandes águas, mas uma brisa. Uma brisa que Elias pode sentir na sua face. Uma brisa de calma, de paz, de tranquilidade. Em uma brisa leve está o Senhor. Está se manifestando de uma forma inusitada, de uma forma até então desconhecida, de uma forma surpreendente.

Deus se manifesta de forma surpreendente. E para Elias, acostumado a manifestações de poder, de glória, de fogo, de fumaça, como vira no capítulo anterior, quando desceu fogo e consumiu o holocausto. E as chamas lambeiram a água que estava ao redor do sacrifício e consumiu, até mesmo, as pedras do altar. Agora esse mesmo Deus, com esse mesmo poder, aparece, se manifesta, se dá a conhecer e fala por meio de uma brisa leve.

*Ouvindo Elias Deus falar, envolveu seu rosto no seu manto e se pôs à entrada da caverna. E eis que veio uma voz e disse Que fazes aqui Elias? (verso 13).*

E novamente a repetição do que fora dito no verso 10.

*Senhor, eu tenho sido zeloso ... os filhos de Israel deixaram a aliança, derribaram os altares, e mataram os profetas, e eu fiquei só e procuram tirar a minha vida. (verso 14).*

A palavra do Senhor é esta:

*Vai, volta ao teu caminho para o deserto de Damasco e, em chegando lá, unge a Hazeel rei sobre a Síria, a Jeú o rei sobre Israel e a Eliseu profeta em teu lugar. Pois também eu conservei em Israel três mil joelhos que não se dobraram a Baal, e toda boca que o não beijou. (versos 15-18).*

## **Elias retoma seu caminho**

A vida retoma o seu ritmo normal quando Elias retoma o seu caminho, animado pela palavra de Deus. Quando de forma surpreendente ouve a voz do Senhor. Elias retoma o seu caminho, o seu ministério. Continua com medo, continua tomado de medo, mas agora não é o medo que o leva à frente. Agora é a companhia de Deus que o anima. É a reconsideração de que Deus está presente, exatamente, nas horas em que se precisa Dele. É isso que anima o profeta a ir adiante. Que o anima a continuar fazendo política. Que o anima a continuar exercendo o seu ministério. A clamar contra os pecados do seu povo. A denunciar a opressão e a corrupção do reinado de Acabe. A denunciar a idolatria a Baal. O desvio em que Israel estava andando.

Elias retoma o seu caminho, se reencontra e sai de sua situação limite, do seu estado de quase morte, do seu desejo de desistir, do

seu enfrentamento com a dificuldade. E retomando o seu caminho, vai cumprir cabalmente o seu ministério. Vai levar adiante a sua vida. A vida vai voltar ao normal. Novas lutas, novas dificuldades. Novas situações se apresentarão na vida deste profeta, como se na vida de qualquer ser humano. Entretanto, ele saberá sempre que o Senhor, o Deus de Israel, se manifestará inusitadamente, inesperadamente, surpreendentemente.

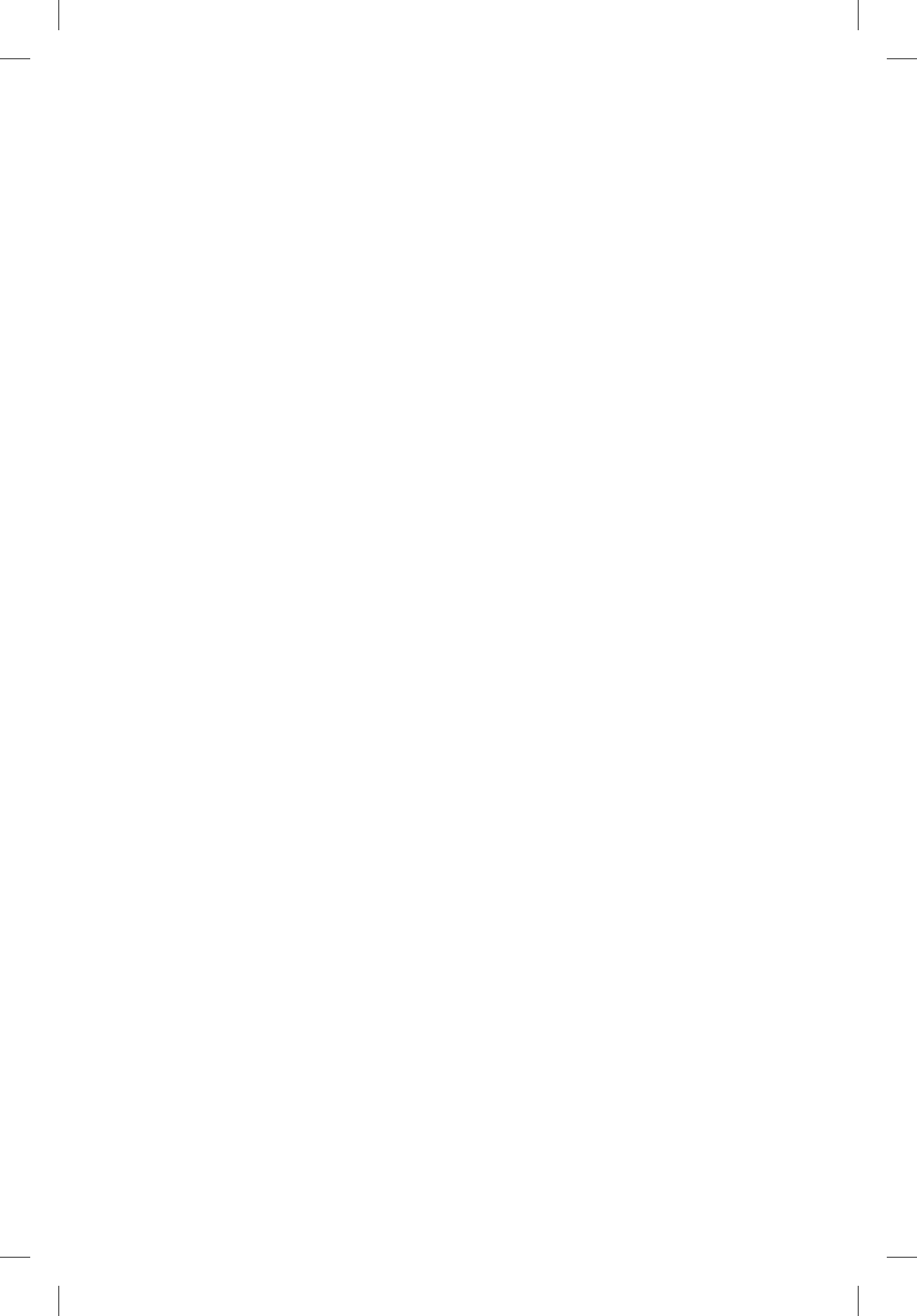
Onde e quando menos se espera, Deus se manifesta. Porque sempre esteve ali. Sempre esteve amparando. Porque foi junto com Elias para baixo do Zimbros (arbusto) e o Senhor deitou com Elias ali. Porque Deus estava em companhia de Elias dentro da caverna. E quando Elias sai à porta da caverna, Deus está ali falando com ele. A voz do Senhor é Deus presente na vida do profeta. Deus presente na vida de todos aqueles que confessam o seu nome.

## **Conclusão**

Quero crer, e oro por isso, que ninguém esteja em uma situação tão delicada, tão conturbada, tão desesperadora quanto Elias. Mas se estiver, qualquer que for a situação, olhe nas coisas simples ao redor. Olhe nas manifestações que nos parecem insignificantes. Ao invés de olhar apenas os fogos de artifício, as bandas marciais, o festejo, olhe também para as coisas simples. Para as crianças, por exemplo. E veremos Deus presente. Ouçamos os sons inaudíveis em nosso mundo moderno e ouviremos a voz de Deus. Contemplar as paredes brancas de um hospital, o silêncio e a solidão do nosso quarto à noite. Naquele fecho de luz que atravessa a nossa janela pela manhã. E uma borboleta que

pousa em nossa folhagem. Deus nos surpreende a todo o momento com a sua manifestação. Em qualquer situação.

Não conhecemos toda a vida de Elias. Mas essa situação limite foi registrada, para que todos saibam que o Senhor Deus está presente onde menos esperamos. Está presente nas coisas que não observamos. Deus está presente entre nós, nas coisas pequenas e insignificantes, olhemos pois para elas, e sigamos o nosso caminho com a graça do bom Deus.



# Liderança sem Compaixão: Davi e Urias

## 2 Samuel 11-12

### Palavra Inicial

Uma máxima da gestão moderna diz que: estar no lugar certo, na hora certa, com a pessoa certa, fazendo a coisa certa, é uma bênção. Estar no lugar errado, na hora errada, com a pessoa errada, fazendo a coisa errada, é um desastre. E isso acontece todo dia. Comigo, com você, com Davi. Com Davi, o rei de Israel. Líder inquestionável. Amado pelo povo. Seu nome já o diz: Davi = “o bem amado”.

Dos seus feitos heróicos nos falam os dois livros de Samuel. O primeiro das Crônicas também. De forma diferente, mas fala de Davi. Na verdade, I Crônicas 20.1-3 omite um episódio importante ocorrido com o rei Davi. O episódio de Urias, o heteu. O relato aparece, contudo, em II Samuel 11 e 12.

### Davi no lugar errado

Como rei, líder da nação, Davi deveria sair para fazer guerra. Assim era o costume, diz o início da narrativa (11.1). O lugar certo



em que ele deveria estar era Rabá. Para lá fora seu exército. Porém, Davi permanece em Jerusalém. Em seu palácio real. Em segurança e no conforto.

## **Davi na hora errada**

Numa tarde preguiçosa o rei levanta-se do seu leito. Passeia despreocupado pelo terraço do palácio. Não parece se ocupar com os assuntos do reino. Nem com o conflito em andamento em Rabá. Absorto na paisagem, o rei avista uma bela mulher. Da arcada de sua varanda, vislumbra uma mulher, em seu momento de banho. Formosa esta mulher, conclui os olhos do monarca.

## **Davi com a pessoa errada**

Ele quer saber de quem é aquela silhueta que encanta seus olhos. Quem é aquela mulher, de beleza ímpar, que lhe desperta os desejos. É Batsheba, informam seus súditos, mulher de Urias, o heteu. Urias, soldado valente, que está no campo de batalha a serviço do rei. O rei Davi, que deveria estar junto aos seus soldados, escolhe outra companhia. Ele ordena aos mensageiros: tragam-na aos meus aposentos.

## **Davi fazendo a coisa errada**

Os passos para isso já foram dados. Agora o monarca “deita” com a mulher de Urias. Mulher em período fértil. Davi, o líder de Israel, ao invés de gastar sua força fazendo batalha, ao invés de investir seu suor na guerra, prefere exaurir-se nos braços da mulher de Urias, seu bravo e fiel guerreiro.

Davi no lugar errado, na hora errada, com a pessoa errada, fazendo a coisa errada. Não em Rabá, mas nos seus aposentos. Não na vigília da noite, mas numa tarde preguiçosa. Não com seus soldados, mas com a mulher de um deles. Não fazendo guerra, mas deleitando-se no prazer.

## **O Problema**

Está consumado. Batsheba retorna a sua casa. Davi continua no palácio. E o inesperado acontece. Estou grávida, diz Batsheba. Em pouco tempo a notícia de sua gravidez ressoa nos corredores da casa do rei. A novidade cai como uma bomba nos ouvidos do rei. Provoca um estampido surdo como num campo de batalha.

Não estava no programa engravidar a mulher. Não era esse o resultado esperado. Isso definitivamente não estava nos planos do rei Davi. Como dizemos: uma gravidez indesejada.

Davi, agora, irá travar uma batalha bem mais difícil. Uma luta inglória. Uma guerra contra si próprio. Sem saber que a batalha já está perdida.

Para fazer frente à delicadíssima situação, Davi vai utilizar todos os seus talentos de líder. Vai mobilizar todas as suas estratégias. Davi vai usar todo o seu prestígio e ardis para solucionar o problema.

## **Planejamento Estratégico de Davi**

Então o rei de Israel põe em movimento seu planejamento estratégico na gestão do problema. Primeira etapa: mandar trazer Urias para uma entrevista (11.6). Dissimulando suas verdadeiras intenções,

Davi pergunta a Urias sobre o desenrolar da batalha em Rabá. Fato estranho esse, de chamar um soldado para inquiri-lo sobre a guerra. Melhor seria mandar vir Joabe, o comandante. Mas não se questiona a decisão de um líder do quilate de Davi.

Após as perguntas formais, Davi diz a Urias para ir para sua casa. A porta do palácio mal se fecha à saída de Urias, e o rei envia um presente ao fiel soldado. Urias não imagina o propósito de tais lições. E o monarca tem por certo que tudo acabará bem, pois sua estratégia é infalível. Caso resolvido. Urias irá para sua casa, fará amor com sua mulher e todos irão pensar que Batsheba concebeu de seu homem. Uma visita inesperada, por certo. Estratégia simples e eficiente, calcula o rei.

Só tem um senão: Davi não contava com a atitude de Urias. O bravo guerreiro não vai para casa. Pelo contrário, permanece na porta da casa real, “deitado” junto aos servos do seu senhor.

## **Primeira Adequação no Planejamento Estratégico**

Um probleminha a mais para o rei resolver. Não estava no script isso que Urias fez. Mas afinal, o que é “um probleminha” para um estadista da envergadura de Davi, não é mesmo? Vamos resolver isso imediatamente. Chamem Urias. Por que cargas d’água você não foi para sua casa? Questiona Davi. O rei imaginara que isso deveria ser o desejo natural de qualquer guerreiro. Voltar para casa, para a segurança do lar, para os braços da mulher amada. E amar e descansar e revigorar as forças. *Por que, Urias, você não desceu para sua casa?* (11.10) indaga Davi.

A resposta de Urias é como uma crítica sutil à atitude do rei:

*“A arca, Israel e Judá ficam em tendas; Joabe meu senhor e os servos de meu senhor estão acampados ao ar livre; e hei de eu entrar na minha casa, para comer e beber e para deitar com minha mulher? Tão certo como tu vives e como vive tua alma, não farei tal coisa.” (11.11).*

A firmeza do fiel soldado é inabalável. Sua convicção do dever é inquebrantável. Sua disposição em lutar é inviolável. Sua lealdade para com seus pares, com seus superiores, com seu povo, com seu rei, com seu Deus (arca) é inquestionável.

A resposta de Urias (seu nome significa “Luz/Chama de Javé”) soa como crítica ao rei Davi, pois é como se o soldado dissesse: *Tu, ó rei, é quem devias agir deste modo.*

Diante do posicionamento tão resoluto de Urias é preciso mudar a estratégia para solucionar o problema que ainda persiste.

## **Segunda Adequação no Planejamento Estratégico**

Que tal uma festa?! Fica aqui no palácio ainda hoje, Urias. (11.12) Davi oferece ao guerreiro uma festa. Comida, bebida e diversão. Pão e circo. O rei embriaga Urias. O monarca sabe que o excesso de bebida tira um homem da sua razão. Sabe o rei, que a embriaguês rompe com os limites sociais. Pela tarde, o leal soldado, trôpego por causa da bebida, deita, finalmente, na sua cama. Contudo, não com a sua mulher, como planejara Davi, mas com os servos do seu senhor.

A determinação de Urias frustra a estratégia de Davi, seu senhor. Em outras circunstâncias, o rei de Israel, provavelmente, elogiaria Urias por essa atitude. O condecoraria por lealdade. Ofereceria uma festa, talvez até uma promoção, uma patente superior.

Porém, na atual conjuntura, a atitude de Urias agrava o problema. Nada parece persuadi-lo de sua decisão de não ir para casa. Nada e ninguém conseguirão demovê-lo do seu foco.

A crise está instalada no palácio real. É preciso debelar essa situação. E Urias não está colaborando para a solução do problema. Sua lealdade é vista como contumácia. Sua firmeza, como teimosia. Suas melhores qualidades transformaram-se em empecilho para a gestão dos problemas pessoais do rei Davi.

Um problema radical exige, também, uma solução radical. E a solução radical, requer que o problema seja eliminado definitivamente. Davi perde o foco. O problema passa a ser, agora, Urias, o heteu.

## **Terceira Adequação no Planejamento Estratégico**

O rei tem que maximizar seu potencial de líder. Assim, põe o aparato militar do reino a seu serviço pessoal. O exército de Israel tem uma guerra para lutar. Os soldados estão empenhados em conquistar uma vitória contra os filhos de Amon. E seu líder supremo, preocupado em resolver o seu próprio problema particular.

Davi sentencia Urias à morte. E pelas leis mãos do próprio Urias (11.14), Davi envia sua sentença de morte ao comando militar em

Rabá. Joabe, coloque Urias no front. Exponha Urias ao alcance das armas inimigas. Deixe-o só, para que seja ferido e morra.

Joabe sabe que este estratagema de combate não é bom, nem seguro. Joabe sabe que isso resultará em baixas na corporação. Todavia, recebeu ordens do rei. Como questionar seu senhor, um exímio estrategista militar? Os sucessos de Davi o comprovam (11.21).

Joabe faz parte de uma estirpe de homens leais. Como Urias, Joabe mantém obediência incondicional ao rei. Ele executa o mandato do monarca, sem questionar. E Urias jaz morto. Com ele, alguns valentes de Davi.

Notícias do *front* chegam ao palácio em Jerusalém. Ao arauto do exército que traz as novas, é recomendada cautela. Cautela ao informar o rei sobre a morte dos soldados. Uma ação bélica desastrosa. Joabe sabe disso, e instrui o mensageiro a enfatizar que Urias, o heteu, também foi morto. Como se o rei Davi já não o soubesse.

Ao enviar o arauto de volta a Joabe, Davi, com cinismo, diz:

*“Não pareça isso mal aos teus olhos; pois a espada devora assim este como aquele.”* (11.25).

Foi uma fatalidade Joabe. É a vida. O que se há de fazer?!

## **Planejamento Estratégico Enganoso**

Davi parece aliviado. Há um tom de alívio em suas palavras. Alívio por ter obtido sucesso no seu plano para solucionar um problema de “Estado”. Não foi bem como ele havia planejado. A solução do problema exigiu algumas correções de rota. Mas no final, tudo acabou bem,

afinal deu tudo certo. Urias morto. Batsheba viúva. E o caminho livre para Davi desposá-la.

Um grande líder com uma grande solução! Caso encerrado. Ledo engano. Pois “... isto que Davi fizera, foi mal aos olhos do Senhor.” (11.27).

Em todo o percurso da gestão do problema, criado pelo próprio Davi, ele não teve em conta o seu Deus.

## Planejamento Estratégico Desmascarado

E vem Natan a Davi (12.1). Natan, o profeta. A boca do Senhor. Sutilmente Natan conta uma história a Davi. Uma história de crueldade e abuso de poder. Um homem poderoso e rico defrauda um homem fraco e pobre, tomando-lhe seu único e mais precioso bem: uma ovelhinha (12.2-4). Natan, sabiamente, comove seu rei ao relatar que a cordeirinha não é um animal qualquer,

*... senão uma cordeirinha que comprara (o homem pobre) e criara, e que em sua casa crescera, junto com seus filhos; comia do seu bocado e do seu copo bebia; dormia nos seus braços e a tinha como filha. (12.3).*

O profeta quer despertar o senso de justiça de Davi.

Uma história de causar indignação. E causa, em Davi, um ataque de furor. Ira tão intensa que o rei decreta a morte do homem rico. Motivo? “... porque não se compadeceu do homem pobre.” (12.6). Palavras de um rei sábio e justo, que defende o direito dos súditos do seu reino, que se compadece e julga a causa dos seus servos. Então, no auge de sua indignação Davi escuta: “Este homem sem compaixão é você!

Eis aqui o ponto crucial da narrativa. Davi mostra compaixão pelo homem indefeso por causa da cordeirinha. Todavia, foi incapaz de qualquer compaixão por Urias, seu leal soldado.

A palavra de Natan é uma denúncia. Uma denúncia que se fundamenta em uma pergunta básica: *“Por que, pois, desprezaste a palavra do Senhor, fazendo o que era mal perante ele?”* (12.9a). A acusação é clara: Feriste Urias, o heteu, o mataste com a espada dos filhos de Amom. E ainda por cima tomaste a mulher dele. (12.9b).

Davi havia se lembrado de dizer a Joabe: *“Não pareça isto mal aos teus olhos.”* (11.25), mas se esquecera de levar em conta os “olhos do Senhor”. Aquele que vê o íntimo. Aquele que sabe as intenções do coração. Olhos daquele que sonda e conhece os pensamentos.

Depois da denúncia, a sentença: a espada não se apartará de sua casa; o mal sobrevirá à tua casa. De dentro dos teus muros. À tua vista. O que fizeste em oculto, farei perante Israel e o sol (12.10-12).

Urias (luz do Senhor) revela a liderança, sem compaixão, do grande rei Davi.

## **Planejamento Estratégico Desastroso**

Desmascarado, Davi sente a “palavra do Senhor” cortar-lhe a própria carne. E confessa: *“Pequei contra o Senhor.”* Ao que Natan replica proclamando o perdão de Adonai: *“Também o Senhor te perdoou o pecado.”* (12.13)

Mas, o reconhecimento da falta por Davi e o perdão do Senhor, não evitam as trágicas consequências dos atos de Davi. O desfecho é



conhecido. O rei não precisará esperar, para sentir na própria pele, os resultados de sua ação desastrosa.

Meses de sofrimento. Da decisão de ficar em Jerusalém, o intercuro com Batsheba, à morte da criança nascida dessa relação, decorreram meses de sofrimento. Meses a fio, durante os quais Davi teve que dissimular, enganar, trapacear, matar.

## **Retomar o caminho**

Pergunta e resposta óbvias: Como poderia Davi ter evitado tanto sofrimento para todos? Tomando a decisão certa: ter ido a Rabá com seu exército.

Importa ao rei, agora, retomar a sua carreira no momento em que ela foi interrompida. Em 12.26-31 Davi retoma o lugar certo, a hora certa, a pessoa certa, e faz a coisa certa. Reassume seu papel de líder. Ele vai para Rabá, está presente na hora da batalha, fica junto aos seus soldados e participa da luta contra os filhos de Amom.

## **Palavra Final**

Não resta dúvida de que a gestão de problemas exige planejamento. Exige soluções estratégicas. Entretanto, não sem compaixão, pois da compaixão, depende o sucesso na gestão de problemas. E a compaixão não é um elemento no planejamento estratégico, é, isto sim, seu pressuposto básico, seu fundamento.

Portanto, qualquer liderança que elabore um planejamento estratégico que ignore valores fundamentais, como a compaixão, está fadada ao fracasso e muito, mais muito próxima mesmo, de agir injustamente.

# O P3 da Arca da Aliança

## Êxodo 25.17-22

A arca da aliança não é um mero objeto. Não é um objeto de decoração do Tabernáculo. Nem tão pouco, um objeto para guardar as tábuas do testemunho. A arca não é um mero objeto como um porta-joias, apesar de guardar um tesouro. A arca, também, não se constitui em um objeto destinado à adoração. Não é um objeto que deva ser adorado.

Chama-se “arca da aliança”, porque é a manifestação visível de uma verdade maior. E essa verdade, é que o Senhor estabeleceu uma aliança com o seu povo. Uma aliança por tempo indefinido. Uma aliança perpétua, podemos dizer.

A aliança entre o Senhor Deus e seu povo é manifesta na sua relação com esse povo. É um relacionamento. Mas não qualquer relacionamento. É um relacionamento de presença, palavra e perdão.

A arca da aliança é o símbolo maior desse relacionamento. Ela manifesta a presença do Senhor. Ela revela a palavra do Senhor. Ela irradia o perdão do Senhor.

Assim, podemos falar sobre o P3 da arca da aliança: Presença, Palavra, Perdão.

“Ali – na arca – virei a ti ...” (v. 22a). A presença do Senhor se faz no “encontro” como o seu povo. O verbo “virei” significa “vir ao encontro”. O Senhor vem ao encontro do seu povo e com ele permanece. Permanece durante a travessia do deserto. Permanece na passagem do Jordão, como registrado em Josué 3.3. Permanece na destruição de Jericó, como o mesmo livro de Josué 6.11 menciona. A arca da aliança está presente nessas ocasiões e em muitas outras, como podemos acompanhar através da história do povo de Deus. Isso quer dizer que o Senhor é quem está presente nestes episódios. Uma presença abençoadora. Uma presença libertadora. Uma presença provedora.

A arca da aliança é a manifestação visível da presença do Senhor no meio do seu povo. Para nós cristãos, temos a mesma presença de Deus entre nós. É na pessoa de Jesus que o Senhor se faz presente. É na pessoa de Cristo que o Senhor se manifesta de forma visível.

Não é sem motivo que nossos irmãos do Novo Testamento entenderam a relação do Senhor conosco como uma “nova aliança”. Em Jesus, o Cristo, Deus renova sua aliança com seu povo. Em Jesus, o Filho de Deus, o Senhor se torna presente em nosso meio. E continua sendo uma presença abençoadora. Uma presença libertadora. Uma presença provedora.

A presença do Senhor, visível na arca, é uma presença comunicativa. É um testemunho. É uma palavra.

A arca da aliança contém a Palavra do Senhor (“... e dentro dela – da arca – porás o Testemunho que eu te darei. V.21b). A arca não apenas contém a Palavra do Senhor, como também é o próprio “púlpito” de

onde fala o Senhor (“... de cima do propiciatório falarei contigo ...” v.22). O livro de Números destaca a mesma ideia ao dizer:

*Quando entrava Moisés na tenda da congregação para falar com o Senhor, então ouvia a voz que lhe falava de cima do propiciatório, que está sobre a arca do Testemunho entre os dois querubins: assim lhe falava. (7.89)*

Da arca da aliança ressoa a voz do Senhor. Um testemunho. Uma palavra do Senhor.

A presença constante do Senhor não é silenciosa, é eloquente. O encontro do Senhor com o seu povo se dá na palavra. Seu relacionamento com seus filhos é mediado pelo diálogo ininterrupto.

Não é assim também que vemos Cristo? Não é o nosso Mestre a presença de Deus entre a humanidade? Uma presença comunicativa? O próprio verbo encarnado? O discurso mais completo de Deus aos nossos ouvidos, aos nossos corações?

Sim, Jesus é a palavra definitiva de Deus para nós. Para nós e para todas as gentes. Pois, tendo Deus outrora falado desde a arca da aliança, hoje nos fala por seu Filho Jesus, parafraseando Hebreus 1.1 e 2.

O Senhor se faz presente, e sua presença é audível pela sua palavra. Todavia, não é qualquer palavra. É uma palavra de perdão.

*... e de cima do propiciatório, do meio dos dois querubins que estão sobre a arca do Testemunho ... (Êxodo 25.22).*

Propiciatório significa “lugar de expiação”, ou melhor, “lugar de reconciliação”. Lugar de onde se recebe perdão. Literalmente, podemos

traduzir propiciatório por “trono de misericórdia”. Sim, trono, pois o Senhor se assenta “sobre a arca” ou “entre os dois querubins”, como podemos ler no segundo livro de Samuel 6.2:

*... a arca de Deus, sobre a qual se invoca o Nome, o nome do Senhor dos Exércitos, que se assenta acima dos querubins.*

A arca da aliança é o “trono do Senhor”. Dai o grande Rei proclama o perdão para o seu povo. Deus se reconcilia com seus servos. O Senhor estende o seu cetro de justiça. Como um pastor que estende o seu cajado para ajuntar as suas ovelhas, assim o Senhor estende o seu cetro para fazer justiça aos seus.

Assentado na arca, o Senhor proclama misericórdia, reconciliação, perdão. Da mesma forma, podemos compreender a presença de Deus entre nós, em Jesus. Uma palavra de reconciliação. Paulo usa o mesmo termo “propiciação” no sangue de Jesus, em Romanos 3.25.

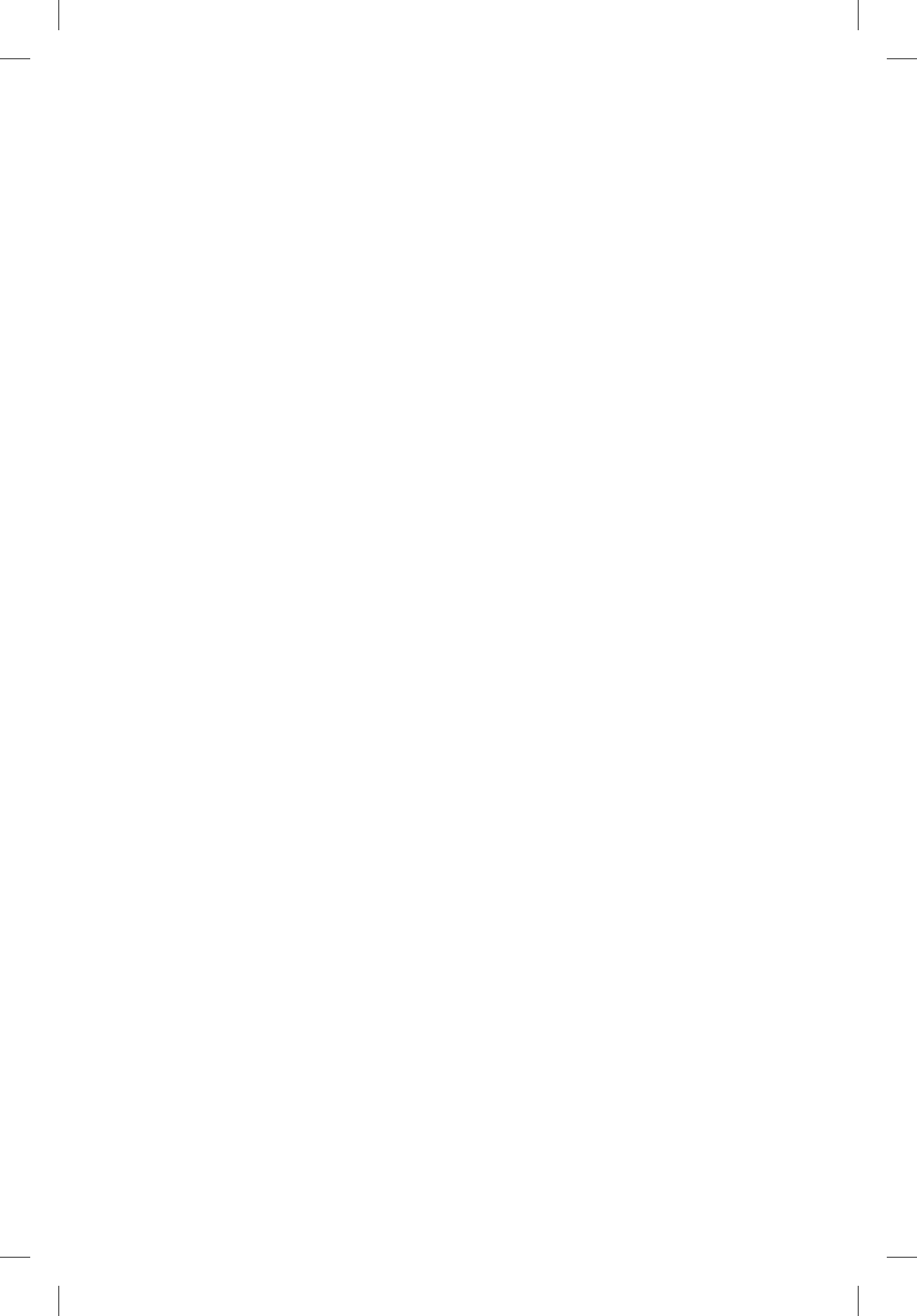
Jesus é a palavra de salvação do nosso Deus. Jesus é a palavra de perdão. Em Cristo, o Senhor Deus nos convida para ouvirmos sua proclamação de perdão. E a palavra do Senhor é esta:

*Vinde todos, pois tenho boas novas de grande alegria. Aproximai-vos e daí ouvidos à minha palavra de reconciliação. Achegai-vos e aceitai o meu perdão.*

A arca da aliança revela a presença, a palavra e o perdão do Senhor. Quando o povo de Deus contemplava a arca, não era um objeto que eles viam. Viam, isto sim, a presença do Senhor; ouviam a palavra do Senhor e acolhiam o perdão do Senhor.

E nós hoje, como parte do povo de Deus, contemplamos o Senhor Jesus e vemos a presença de Deus; ouvimos a palavra de Deus e acolhemos o perdão de Deus.

Este é o P3 da arca da aliança: Presença, Palavra, Perdão.



# De um mesmo e só Espírito!

## Gênesis 1

No princípio criou Deus os céus e a terra. Na vastidão inócua e informe, na deformidade caótica de um mundo sem encanto, passou a dizer palavras de encantamento e ternura... E eis a luz, e as trevas abissais se dissiparam, e o dia e a noite. E eis o firmamento, e as águas, acima e abaixo, e também um torrão de terra seca, os continentes, terra e mar, ilhas e nascentes, poeira e águas correntes. E a relva, a erva, a árvore, sementes, flores, frutos, florestas, bosques e jardins. Exuberante arrebenta a flora vicejando vida em solo bruto... E eis no céu o sol, e a lua e as estrelas aos milhares, e as constelações e galáxias e todo o exército dos céus marchando na precisão de suas órbitas, alumando dias e noites, separando luz e trevas, compassando tempos e estações... E eis as águas embaixo povoadas de seres marinhos, e os céus em cima repletos de seres alados, e a terra, no meio, tomada de seres sem conta, animais de toda espécie. A vida extravasa em rica fauna. E aos peixes, aves, répteis, ordenou:

*Enxameai terra e céus e mares... E eis que tudo, tudo, tudo era muito bom. E num momento de suprema e infinita inspiração*



*criou Deus o ser humano, homem e mulher os criou, e como uma coroa de rosas o colocou sobre toda sua criação que com carinho fizera.*

E disse mais:

*Não fiquem sozinhos, façam amor, e que desse amor multipliquem-se em iguais e povoem o planeta!*

Ótimo! Tudo perfeito! Tudo tão bom! Bom de se olhar, bom de se tocar, bom de se saborear! Tudo muito bom!

E assim se fez, e nos amamos e geramos tantos outros seres humanos e tomamos todos os recantos da terra, e habitamos os vales, as campinas, as montanhas... Entretanto, para aonde fomos Deus não nos deixou só, mas assoprou um mesmo e só espírito nos Poetas, nos Profetas e nos Pastores. Os primeiros, para cantar o encantamento da criação; os segundos, para promover o cuidado com a criação; e os últimos, para cuidar da coroa da criação. Deu-nos as Poetizas, para cantar a nossa relação com Ele mesmo. Concedeu-nos as Profetizas, para promover nossa relação com a Natureza. E ofertou-nos as Pastoras, para cuidar da nossa relação com nossos semelhantes.

Assim, o espírito que habita poetas e poetizas canta:

*Foi Deus quem fez o céu e o luxo das estrelas, fez também um seresteiro para conversar com elas, fez a lua que prateia minha estrada de sorrisos. Foi Deus quem fez o vento que sopra os teus cabelos, foi Deus quem fez o orvalho que molha o teu olhar. Foi*

*Deus quem fez a noite, e um violão plangente, foi Deus quem fez a gente somente para amar, só para amar.*<sup>1</sup>

*Salmo 104* <sup>1</sup>Bendize, ó minha alma, ao SENHOR! SENHOR, Deus meu, como tu és magnificente: sobrevestido de glória e majestade, <sup>2</sup>coberto de luz como de um manto. Tu estendes o céu como uma cortina, <sup>3</sup>pões nas águas o vigamento da tua morada, tomas as nuvens por teu carro e voas nas asas do vento. <sup>4</sup>Fazes a teus anjos ventos e a teus ministros, labaredas de fogo. <sup>5</sup>Lançaste os fundamentos da terra, para que ela não vacile em tempo nenhum. <sup>6</sup>Tomaste o abismo por vestuário e a cobriste; as águas ficaram acima das montanhas; <sup>7</sup>à tua repreensão, fugiram, à voz do teu trovão, bateram em retirada. <sup>8</sup>Elevaram-se os montes, desceram os vales, até ao lugar que lhes havias preparado. <sup>9</sup>Puseste às águas divisa que não ultrapassarão, para que não tornem a cobrir a terra. <sup>10</sup>Tu fazes rebentar fontes no vale, cujas águas correm entre os montes; <sup>11</sup>dão de beber a todos os animais do campo; os jumentos selvagens matam a sua sede. <sup>12</sup>Junto delas têm as aves do céu o seu pouso e, por entre a ramagem, desferem o seu canto. <sup>13</sup>Do alto de tua morada, regas os montes; a terra farta-se do fruto de tuas obras. <sup>14</sup>Fazes crescer a relva para os animais e as plantas, para o serviço do homem, de sorte que da terra tire o seu pão, <sup>15</sup>o vinho, que alegria o coração do homem, o azeite, que lhe dá brilho ao rosto, e o alimento, que lhe sustém as forças. <sup>16</sup>Avigoram-se as árvores do SENHOR e os cedros do Líbano que ele plantou, <sup>17</sup>em

---

1 Luiz Ramalho

que as aves fazem seus ninhos; quanto à cegonha, a sua casa é nos ciprestes. <sup>18</sup>Os altos montes são das cabras montesinhas, e as rochas, o refúgio dos arganazes. <sup>19</sup>Fez a lua para marcar o tempo; o sol conhece a hora do seu ocaso. <sup>20</sup>Dispões as trevas, e vem a noite, na qual vagueiam os animais da selva. <sup>21</sup>Os leõezinhos rugem pela presa e buscam de Deus o sustento; <sup>22</sup>em vindo o sol, eles se recolhem e se acomodam nos seus covis. <sup>23</sup>Sai o homem para o seu trabalho e para o seu encargo até à tarde. <sup>24</sup>Que variedade, SENHOR, nas tuas obras! Todas com sabedoria as fizeste; cheia está a terra das tuas riquezas. <sup>25</sup>Eis o mar vasto, imenso, no qual se movem seres sem conta, animais pequenos e grandes. <sup>26</sup>Por ele transitam os navios e o monstro marinho que formaste para nele folgar. <sup>27</sup>Todos esperam de ti que lhes dês de comer a seu tempo. <sup>28</sup>Se lhes dás, eles o recolhem; se abres a mão, eles se fartam de bens. <sup>29</sup>Se ocultas o rosto, eles se perturbam; se lhes cortas a respiração, morrem e voltam ao seu pó. <sup>30</sup>Envias o teu Espírito, eles são criados, e, assim, renovas a face da terra. <sup>31</sup>A glória do SENHOR seja para sempre! Exulte o SENHOR por suas obras

Água que nasce na fonte serena do mundo, e que abre o profundo grotão. Água que faz inocente riacho e deságua na corrente do ribeirão. Águas escuras dos rios que levam a fertilidade ao sertão. Águas que banham aldeias e matam a sede da população. Águas que caem das pedras, no véu das cascatas, ronco de trovão e depois dormem tranquilas no leito dos lagos. Água dos igarapés onde mãe d'água, é misteriosa canção. Água

*que o sol evapora, pro céu vai embora virar nuvens de algodão. Gotas de água da chuva, alegre arco-íris sobre a plantação. Gotas de água da chuva, tão tristes são lágrimas na inundação. Águas que movem moinhos são as mesmas águas que encharcam o chão e sempre voltam humildes pro fundo da terra. Terra planeta água.<sup>2</sup>*

Há um mesmo e só Espírito na alma das poetizas e poetas que cantam e louvam, por nós, o Criador pela beleza da criação.

Assim, o mesmo espírito que também habita profetas e profetizas exorta:

*Gênesis 2 .15: Tomou, pois, o SENHOR Deus ao homem e o colocou no jardim do Éden para o cultivar e o guardar.*

*Gênesis 2: <sup>19</sup>Havendo, pois, o SENHOR Deus formado da terra todos os animais do campo e todas as aves dos céus, trouxe-os ao homem, para ver como este lhes chamaria; e o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. <sup>20</sup>Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos...*

*..., tudo é azul, terra azulada, verde-azul, azul (e céu) tudo é azul, lago e lagoas azuis e, quanto mais distante a terra, mais azul, ilhas azuis em lago azul. Este é o rosto da terra libertada. Para nos amarmos numa terra bela, muito bela, não só por ela senão pelos homens nela, sobretudo pelos homens nela. Esta terra, Deus nos deu bela por isso, para a sociedade nela.<sup>3</sup>*

---

2 Guilherme Arantes

3 Ernesto Cardenal

*Romanos 8: <sup>19</sup>A ardente expectativa da criação aguarda a revelação dos filhos de Deus. <sup>20</sup>Pois a criação está sujeita à vaidade, não voluntariamente, mas por causa daquele que a sujeitou, <sup>21</sup>na esperança de que a própria criação será redimida do cativeiro da corrupção, para a liberdade da glória dos filhos de Deus. <sup>22</sup>Porque sabemos que toda a criação, a um só tempo, geme e suporta angústias até agora. <sup>23</sup>E não somente ela, mas também nós, que temos as primícias do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção do nosso corpo.*

Há um mesmo e só Espírito, na alma dos profetas e profetizas, que nos exortam ao cuidado terno com a criação do magnificente Criador.

Da mesma forma que habita com poetas, profetizas, poetizas e profetas, o mesmo espírito faz morada com pastores e pastoras.

Porém, dos pastores não temos discursos para mostrar, e das pastoras não há palavras para falar, pois sua tarefa impõe, por si, uma atitude e não palavra.

Portanto, são vidas que falam pelas pastoras: Jesus de Nazaré, Francisco de Assis, Dietrich Bonhoeffer... e pelos pastores: Maria de Nazaré, Teresa de Ávila, Teresa de Calcutá, e todos os anônimos pastores e pastoras que se fizeram poesia e profecia a favor dos seus irmãos e irmãs.

Maria de Nazaré, mãe do Senhor, acolheu em seu ventre o lógos, o poema completo de Deus. E com um cuidado maternal, cumpriu a dolorosa e gratificante missão de ser a mãe do Salvador de toda criação de Deus Pai.

Junto aos irmãos e irmãs da comunidade, Maria estendeu a todos, sem distinção, os segredos guardados em seu coração de mãe, confortando e animando, como uma pastora, o rebanho de Deus.

Teresa de Ávila, mística e religiosa espanhola, fundadora da comunidade das Carmelitas Descalças, reforçou o cumprimento rigoroso das primitivas e severas regras da Ordem. Foi a primeira mulher a ser proclamada doutora da Igreja. Teresa purificou a vida religiosa espanhola do início do século XVI, contribuindo para fortalecer as reformas na Igreja, numa época em que o Protestantismo estendia-se pela Europa.

São dela as seguintes palavras ditas para suas pupilas:

*É aqui, minhas filhas, que o amor será achado - não escondido pelos cantos, mas em meio de ocasiões pecaminosas. E me acreditem, embora possamos falhar frequentemente e cometer pequenos erros, nosso ganho será incomparavelmente muito maior.*

E ainda...

*Compreendi que o amor encerra todas as vocações e que o amor é tudo, abraça todos os tempos e todos os lugares.*

Teresa de Calcutá, albanesa, abre-se à vocação divina e, aos trinta e oito anos, abandona o convento e vai viver nas periferias de Calcutá (Índia), com os pobres dos pobres, como ela mesma dizia. O cuidado com os pobres, ela o transformou em um quarto voto às suas seguidoras nos seguintes termos: “*dedicar-se de todo coração e livremente a serviço dos mais pobres dos pobres.*”

Ao fundar a “*Casa dos Moribundos*”, passa a acolher os miseráveis que viriam a morrer nas ruas, caso não fossem recolhidos.

Uma das frases mais marcantes desta Pastora do rebanho de Deus, é a seguinte: “*Dá Cristo ao mundo, não o mantenha para ti mesma e, ao fazê-lo, usa as tuas mãos.*” E o carisma fundamental aparece na exortação ao cuidado com os pobres: “*toca-os, lava-os, alimenta-os.*”

Essas mulheres-pastoras falam, ainda hoje, com suas vidas, do cuidado com o povo de Deus.

Outro tanto se pode ver nas vidas de Jesus de Nazaré, de Francisco de Assis e Dietrich Bonhoeffer.

Jesus de Nazaré, o supremo Pastor, ungido pelo mesmo espírito, deixou Nazaré ...

*Mateus 4: 13 ... foi morar em Cafarnaum, situada à beira-mar, nos confins de Zebulom e Naftali; 14 para que se cumprisse o que fora dito por intermédio do profeta Isaías: 15 Terra de Zebulom, terra de Naftali, caminho do mar, além do Jordão, Galileia dos gentios! 16 O povo que jazia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz. 17 Daí por diante, passou Jesus a pregar e a dizer: Arrependei-vos, porque está próximo o reino dos céus.*

Compreendendo sua missão entre os pobres e miseráveis, Jesus de Nazaré, de passagem por este mundo, olhando ...

*Mateus 9:36-10:1 36... as multidões, compadeceu-se delas, porque estavam aflitas e exaustas como ovelhas que não têm pastor.*

*<sup>37</sup>E, então, se dirigiu a seus discípulos: A seara, na verdade, é grande, mas os trabalhadores são poucos. <sup>38</sup>Rogai, pois, ao Senhor da seara que mande trabalhadores para a sua seara.*

Dietrich Bonhoeffer, além de pastor, teólogo, foi escritor e poeta. Um dos fundadores da chamada “Igreja Confessante”, organizada em Maio de 1934, em Barmen, Alemanha. Sua experiência à frente da igreja, em Finkenwalde, gerou dois livros O Preço do Discipulado e Vida em Comunidade, que, somado a um terceiro livro, Cuidado Espiritual sobre o ministério pastoral, usava para preparar pastores para a Igreja Confessante.

A partir de 1934, já perseguido, exerce clandestinamente seu ministério na Alemanha, até ser preso em 1943, acusado de envolvimento num plano para assassinar Hitler.

Dietrich Bonhoeffer amou a igreja do seu tempo, sofreu com ela e por ela, mas também participou ativamente do destino da sua pátria, e quando viu que a sua igreja silenciou diante de tanta injustiça, que os cristãos não levantaram suas vozes em favor

*... dos irmãos mais fracos e indefesos de Jesus Cristo (os judeus e os 200.000 considerados indignos de viver, entre eles os deficientes físicos e mentais, todos estes condenados a eutanásia, mais os milhares de ciganos, homossexuais e testemunhas de Jeová levados para os campos de extermínio)...*

... não calou, e nem desistiu, mesmo sabendo o risco que iria correr se fosse adiante pela causa.



Em um sermão de fevereiro de 1933, logo após a ascensão de Hitler ao poder, Dietrich declara:

*Na Igreja temos um único altar, o altar do Altíssimo, diante do qual todas as criaturas devem dobrar os joelhos.*

Francisco de Assis, um jovem de boa condição econômica, bem situado socialmente e com um futuro promissor, tem uma profunda experiência espiritual com o Senhor e, movido pelo espírito de Deus, abandona tudo e passa a viver com as pessoas mais desprezadas da sua época.

Vive, a partir daí, junto aos leprosos, aos pobres e inicia um movimento de restauração de vidas humanas.

Francisco inunda seu mundo de amor e fraternidade, e desenvolve uma compreensão de comunhão do homem com a criação que transborda em poesia e cuidado para com tudo e com todos.

Ao explicar a um noviço a loucura do Evangelho, Francisco de Assis diz:

*O Evangelho me confere a liberdade dos loucos e das crianças. A liberdade evangélica, meu irmão, te permite jejuar e interromper o jejum para comer com o irmão que grita à noite “morro de fome”, te convida a apreciar a tradição e a abrir caminhos novos, a falar com os ricos e a beijar os leprosos. Meu irmãozinho, só viverás a liberdade do Evangelho se acreditares no sonho, se alimentares em ti a ternura para com todas as coisas e se te dispuseres a sofrer com alegria. Não deixes, irmão, de sonhar o sonho de Jesus Cristo.*

Finalmente, as palavras de irmão Francisco ressoam claras e fortes:

*Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro e vos bendizemos porque por vossa santa cruz redimistes o mundo. Eterno Deus onipotente, justo e misericordioso, concedei-nos a nós míseros praticar por vossa causa o que reconhecemos ser a vossa vontade e querer sempre o que vos agrada, a fim de que, interiormente purificados, iluminados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir as pegadas de vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e por vossa graça unicamente chegar até vós, ó Altíssimo, que em Trindade perfeita e Unidade simples viveis e reinais na glória como Deus onipotente por toda a eternidade.*

Deus não nos deixou sozinhos no mundo, mas nos deu os poetas e poetizas para cantar a beleza da criação, legou-nos os profetas e profetizas para nos exortar ao cuidado da Natureza, e nos presenteou com os pastores e pastoras, para que fossemos cuidados por eles.

Ao insuflar um mesmo e só espírito em todas elas e em todos eles, o Senhor nos concede sempre usufruir da companhia dessas pessoas e entre nós, hoje, estão os pastores e as pastoras para cuidar da coroa da criação.

*Salmo 104: Senhor envias o teu Espírito e fazes a teus ministros e ministras, labaredas de fogo.*

Amém!





Conheça as publicações, os trabalhos e ministério do  
**Reverendo José Roberto Cristofani**  
**[www.sapiencial.com.br](http://www.sapiencial.com.br)**

*Diagramação:* Editora Alecrim  
[www.editoraalecrim.com.br](http://www.editoraalecrim.com.br)

*Fontes:* Adobe Jenson Pro  
Liberty BT